



UC/FPCE\_2007

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Contributo para a compreensão do apoio social:  
Estudos psicométricos do *Convoy Model*.**

Andreia Martins Soares (e-mail: [andreiamsoares2@gmail.com](mailto:andreiamsoares2@gmail.com))

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde Subárea em  
Intervenções Cognitivo-Comportamentais nas Perturbações  
Psicológicas e Saúde sob a orientação da Professora Doutora Maria  
Cristina Canavarro

### **Contributo para a compreensão do apoio social: Estudos psicométricos do *Convoy Model***

O presente trabalho descreve o estudo das propriedades psicométricas da versão adaptada à população portuguesa do *Convoy Model* (apresentado como um instrumento de medida do apoio social por R. Kahn e T. Antonucci em 1980) na população geral. Desta forma, numa amostra de 119 sujeitos da população geral portuguesa, efectuou-se uma análise factorial exploratória e analisaram-se índices de consistência interna, de estabilidade temporal e de validade (constructo e concorrente) e a variabilidade do apoio social em função de algumas variáveis sociodemográficas.

Os resultados encontrados indicam que este instrumento de avaliação da percepção do apoio social apresenta uma estrutura composta por duas dimensões subjacentes (apoio emocional e instrumental) e um índice de satisfação global com o apoio disponível. De uma forma geral, a versão adaptada do *Convoy Model* manifesta bons índices de precisão e validade. Adicionalmente, os resultados revelaram diferenças estatisticamente significativas nas características funcionais do apoio social entre grupos diferentes quanto ao género, idade e nível socio-económico.

A versão adaptada à população portuguesa do *Convoy Model* parece ser uma medida adequada para medir o apoio social na população geral.

**Palavras-chave:** *Convoy Model*, estudos psicométricos, apoio social, apoio social emocional, apoio social instrumental.

### **Contribution to the comprehension of social support: Psychometric studies of the *Convoy Model***

The present study examines the psychometric properties of the Portuguese version of the *Convoy Model* (a social support measure developed by R. Kahn and T. Antonucci in 1980) in the general population. A Portuguese community-based sample of 119 subjects was collected in order to analyse *Convoy Model* structure (factors), internal consistency, test-retest reliability, and construct and concurrent validities. Additionally, socio-demographic variability in social support scores was also studied.

Results revealed a two-factor structure (labelled emotional and instrumental social support), with a global satisfaction index, and sound psychometric characteristics in general. Statically significant differences in functional features of social support were found across gender, age and social economic status.

The Portuguese version of *Convoy Model* appeared to be suitable for measuring social support in the general population.

**Key-words:** *Convoy Model*, psychometric studies, social support, emocional social support, instrumental social support.

### **Agradecimentos**

A concretização deste trabalho de investigação não teria sido possível sem a colaboração de várias pessoas, às quais quero expressar o meu profundo agradecimento:

À Professora Doutora Cristina Canavarro, não só pela orientação deste trabalho, disponibilidade pessoal e encorajamento, mas também por ser um modelo de excelência, inspirador dos que têm o privilégio de trabalhar consigo, e, sobretudo, pelo interesse genuíno e pelas palavras amigas que oportunamente expressou.

À Dra. Sofia Gameiro, pela ajuda imprescindível na investigação empírica, pela disponibilidade e prontidão no esclarecimento de dúvidas e nas sugestões feitas, pelo reforço constante e pelo companheirismo.

À amiga e colega Bárbara Nazaré, pela cooperação paciente na informatização dos dados e pelo apoio prestado ao longo deste ano.

Aos restantes membros da UnIP, em particular à Dra. Mariana Moura-Ramos, pelas orientações no início deste trabalho e pela colaboração na recolha da amostra, à Dra. Anabela Pedrosa, pela disponibilização de fontes bibliográficas importantes, e ao Dr. Marco Pereira, pelos imprescindíveis esclarecimentos estatísticos.

A todas as pessoas que voluntariamente partilharam comigo alguns aspectos da sua intimidade e tornaram este trabalho possível.

À família próxima, fundadores do meu *comboio de relações sociais*, em particular à minha mãe, pelo seu amor incondicional e pela sua integridade, à minha irmã, pelos laços fortes que nos unem e pelo empenho demonstrado sempre que o seu apoio foi solicitado, ao meu avô Armando, pela sua preocupação e o seu contributo precioso no bem-estar da família, e à madrinha Idalina, pelo exemplo de vida e pela estima que me tem.

E ao João, companheiro de longa viagem, pelos sentimentos que nos unem, pelos conhecimentos pacientemente transmitidos, pelo apoio emocional e instrumental prestado em situações adversas, pela personalidade forte e, acima de tudo, pelo respeito por este projecto, demonstrado através do silêncio e do afastamento que, na recta final deste trabalho e a meu pedido, conseguiu (com sacrifício!) manter.

Obrigada!

## Índice

Introdução	5
I – Enquadramento conceptual	6
1. Perspectiva histórica sobre o apoio social	6
2. Significado e avaliação do apoio social	6
2.1. Apoio social: definição e conceitos relacionados	7
<i>Rede de apoio social</i>	7
<i>Apoio trocado (exchanged)</i>	8
<i>Apoio percebido</i>	9
<i>Apoio negativo</i>	10
2.2. Apoio social: instrumentos de medida	11
3. O Modelo em Comboio de apoio social ( <i>Convoy Model</i> )	12
3.1. O instrumento inspirado no Modelo em Comboio	14
II – Objectivos	17
III – Metodologia	17
1. Amostra	17
1.1. Critérios de amostragem	17
1.2. Procedimentos de recolha de dados	18
1.3. Caracterização geral da amostra	18
2. Instrumentos de avaliação	19
<i>Ficha de dados sociodemográficos</i>	20
<i>Convoy Model (Kahn &amp; Antonucci, 1980; versão adaptada: Gameiro, Moura-Ramos &amp; Canavarro, 2006)</i>	20
<i>EAS – Escala de Apoio Social (Matos &amp; Ferreira, 1999)</i>	21
3. Tratamento estatístico dos dados	21
IV – Resultados	22
1. Análise factorial exploratória do <i>Convoy Model</i>	22
2. Estudos de precisão	24
2.1. Consistência interna	25
2.2. Fiabilidade temporal	27
3. Estudos de validade	29
3.1. Validade de constructo	29
3.2. Validade concorrente	30
4. Estudo dos factores sociodemográficos de variabilidade do apoio social	31
5. Dados descritivos do <i>Convoy Model</i>	33
V – Discussão	35
VI – Conclusões	41
Bibliografia	42

## Introdução

O interesse científico pelo tema *apoio social* não é recente, ainda que o último quarto de século tenha sido palco de progressos notáveis no estudo deste tema. Com efeito, desde a publicação dos trabalhos de Cassel (1976) e Cobb (1976) que, um pouco por toda a Ásia, Europa e América do Norte, proliferaram estudos descritivos sobre apoio social em grandes amostras representativas (p.e., Antonucci, & Akiyama, 1987a), estudos epidemiológicos que documentam a relação entre saúde e apoio social (p.e., Cohen & Syme, 1985), numerosos estudos que demonstram a ligação entre apoio social (definido de um modo variado) e uma diversidade de consequências físicas e psicológicas (p.e., Colarossi & Eccles, 2003) e, mais recentemente, estudos que exploram os processos e mecanismos através dos quais o apoio social afecta a saúde e o bem-estar (p.e., Harker & Keltner, 2001).

Não obstante, esta área de investigação rodeou-se de alguma polémica, na medida em que o entusiasmo de inúmeros cientistas, provenientes de diversas áreas de saber, nem sempre foi acompanhado de rigor conceptual e metodológico. A inexistência de consenso quanto à definição, operacionalização e avaliação do constructo *apoio social*, instigou os investigadores a desenvolver as suas próprias conceptualizações e instrumentos de medida (Cohen, Underwood, & Gottlieb, 2000), dos quais apenas alguns foram alvo de estudos psicométricos (Vaux, 1988).

Entre estes investigadores encontram-se Kahn e Antonucci que, a partir do Modelo em Comboio de Antonucci (1976), construíram um instrumento que avalia simultaneamente aspectos estruturais e funcionais do apoio social percebido pelo sujeito e é utilizado em diversas investigações, na sua versão original ou em versões alteradas em função da população alvo ou dos objectivos do estudo.

O interesse em realizar este trabalho de investigação prendeu-se com dois motivos. O primeiro está relacionado com o reconhecimento crescente que o *Convoy Model* tem ganho no seio da investigação do *apoio social*. O segundo associa-se à escassez de estudos psicométricos conhecidos das diversas versões deste instrumento e à exigência ética e deontológica de recorrer, quer na prática clínica, quer na investigação, a instrumentos de avaliação relativamente aos quais existem investigações que documentem as suas características psicométricas positivas na população, país, língua e cultura específicas em que os mesmos vão ser utilizados (Simões, 2002).

Pretende-se então, com este estudo, disponibilizar um instrumento que possa ser utilizado futuramente, quer na prática clínica quer na investigação, para uma avaliação válida e precisa do apoio social do sujeito avaliado.

Este documento é composto, num primeiro momento, por uma revisão da literatura relativa à perspectiva histórica, significado e avaliação do *apoio social*, bem como ao Modelo em Comboio de apoio social e ao instrumento a que deu origem; e, num segundo momento, pela apresentação dos objectivos e aspectos da metodologia utilizada neste trabalho de investigação, descrição e discussão dos resultados obtidos e exposição das

principais conclusões e limitações deste estudo.

## **I – Enquadramento conceptual**

### **1. Perspectiva histórica sobre o apoio social**

A presença, a disponibilidade e o apoio dos outros têm sido reconhecidos como uma fonte importante de conforto, confiança e bem-estar, ao longo da história da humanidade. Porém, o interesse científico pelo apoio social (ainda que o termo fosse raramente utilizado) remonta ao fim do século XIX, quando a importância dos laços sociais foi reconhecida pelos investigadores académicos das ciências sociais (Moreira, 2002).

O estudo clássico do suicídio realizado pelo sociólogo francês E. Durkheim (1897/1951), no qual chamou a atenção para o papel do isolamento social como antecedente (entre outros), é creditado como o impulsionador da análise das relações sociais e da mortalidade (Vaux, 1988; Uchino, 2004).

Paralelamente, enquanto a Psicologia se mantinha afastada deste tema<sup>1</sup>, focando-se nos processos e mecanismos individuais, nascia uma linha de investigação na área da Sociologia Moderna sobre o papel positivo dos laços sociais na adaptação (Moreira, 2002), num clima intelectual marcado pelo debate científico acerca dos efeitos da desintegração social, enquanto consequência da industrialização e urbanização (Vaux, 1988).

Na segunda metade do século XX, a atenção de diversos profissionais da área da Psicologia, centrou-se na importância das relações interpessoais precoces no desenvolvimento humano, como comprovam diversos trabalhos (p.e., Ainsworth, 1978; Bowlby, 1969; Spitz, 1946;).

Os trabalhos de revisão de vários autores, como Cassel (1976) e Cobb (1976), sobre a importância do apoio social para o bem-estar físico e psicológico, fomentaram o interesse renovado pelo tema. Como consequência, nas décadas seguintes, surgiram na literatura de diversas ciências (Antropologia, Epidemiologia, Medicina, Psicologia, Sociologia, entre outras) inúmeros artigos sobre as variáveis já mencionadas e a relação entre elas (cf. Cohen & Wills, 1985; Colarossi & Eccles, 2003; Engel, 1977; Fiori, Antonucci, & Cortina, 2006; Kessler, 1992; Martire, Schulz, Mittelmark, & Newsom, 1999; Uchino, 2006; Umberson, 1987; entre muitos outros).

Desta forma, a área de investigação em causa revelou-se tão promissora, quanto polémica, nomeadamente no que diz respeito à conceptualização e avaliação de apoio social (Matos & Ferreira, 2000) – aspecto que se abordará no ponto seguinte.

### **2. Significado e avaliação do apoio social**

Uma das críticas mais frequentes na investigação do apoio social diz

---

<sup>1</sup> Ainda que a relevância do apoio social enquanto tema transparecesse em alguns estudos e teorias da Psicologia Social. A este propósito recordem-se alguns exemplos citados por Moreira (2002): Teoria da Afiliação (Schachter, 1959) ou o paradigma de Milgram (1965).

respeito à inexistência de um consenso acerca da sua definição e da forma mais correcta de operacionalizar e medir este constructo (Uchino, 2004; Veiel & Baumann, 1992; Winnubst, Buunk, & Marcellissen, 1988). Segundo Winnubst e colaboradores (1988), até há duas décadas atrás, a definição precisa do conceito *apoio social* não foi uma tarefa prioritária para os investigadores, cujo foco de atenção estava direccionado para o estudo das implicações do apoio social (Hobfoll, 1990). Na opinião de Uchino (2004), a falta de consenso resulta principalmente da diversidade de *backgrounds* dos investigadores que estudam o fenómeno.

### 2.1. Apoio social: definição e conceitos relacionados

O apoio social tem sido definido com base nas suas características estruturais, com base nas suas características funcionais e, ainda, de acordo com a percepção do apoio social por parte do indivíduo (Antonucci, 1985). Esta diversidade de conceptualizações, que tem repercussões ao nível das operacionalizações e das medidas, torna difícil a integração dos resultados de investigação (Pereira, 2001).

Dado que o termo tem sido usado como um “chapéu” que cobre uma variedade de fenómenos e processos sociais relacionados, ainda que conceptualmente distintos (Goldsmith, 2004), vários autores (B. R. Sarason, Sarason, & Pierce, 1990; Laireiter & Baumann, 1992; Veiel & Baumann, 1992) defendem a distinção entre os diferentes componentes do apoio social, por razões teóricas e empíricas. Se, por um lado, uma definição singular ou unidimensional do apoio social é infundada e imprecisa (*idem*), por outro, as medidas de apoio social em função de diferentes componentes mostram-se pouco ou moderadamente correlacionadas (B. R. Sarason, Shearin, Pierce, & Sarason, 1987).

Desta forma, a criação de uma taxonomia multidimensional constitui uma via para a resolução dos problemas conceptuais do apoio social (Pereira, 2001). Entre as taxonomias mais conhecidas encontram-se, por exemplo, a de A. Vaux (1988, 1990), segundo o qual o apoio social é um meta-constructo que engloba três constructos conceptual e empiricamente distintos (recursos da rede social, comportamentos de apoio e avaliação do apoio), ou a de Laireiter e Baumann (1992), que propõem uma taxonomia composta por cinco componentes hierarquicamente relacionados (integração social, rede social, rede de apoio, clima/ambiente apoiante, apoio percebido e apoio mobilizado ou recebido).

Pela frequência com que aparecem na literatura da especialidade e pela relevância que assumem no presente estudo, serão abordados de forma sucinta os conceitos de *rede social*, *apoio social trocado (exchanged)*, *apoio social percebido* e *apoio social negativo*. Todos eles constituem “partes relevantes de um intrincado *puzzle*” (Knipscheer & Antonucci, 1990, p.170).

#### *Rede de apoio social*

Grande parte das abordagens históricas do apoio social anteriores à década de 70, particularmente as que descendiam da Sociologia, enfatizaram o papel (positivo) das interacções sociais no apoio social, ao ponto de este último conceito ser definido e medido a partir da presença de interacções

sociais, nos estudos científicos subsequentes (Moreira, 2002).

A rede de apoio é a parte da rede social à qual o indivíduo recorre ou espera recorrer para pedir apoio, ou que fornece apoio espontaneamente, na realização das suas exigências ou objectivos, rotineiros e inesperados (Vaux, 1988). É, segundo Antonucci (1985), o veículo através do qual o suporte social é distribuído ou trocado. A metáfora da rede procura representar os pontos ou nodos (os membros da rede) e as ligações de apoio entre esses pontos (Pereira, 2001). Vários autores (p.e., Antonucci, 1985; Knipscheer & Antonucci, 1990; Laireiter & Baumann, 1992) distinguem os conceitos *rede de apoio social* de *apoio social*: enquanto a rede é a estrutura (que mantém e limita o apoio social disponível), o apoio é o comportamento funcional.

Algumas das características da rede consideradas relevantes no estudo do apoio social, constituindo parâmetros quantitativos frequentemente utilizados na investigação, são: tamanho (número total de pessoas da rede), frequência (periodicidade do contacto com os membros da rede), tipo de relação (p.e., cônjuge, filho, parente afastado, amigo), força da ligação (p.e., laços voluntários, íntimos, que perpassam contextos vs ligações provisórias), densidade (interligações entre os membros da rede), centralidade (importância do laço social, evidenciada pela ligação aos outros), *multiplex* (relações que partilham vários papéis), reciprocidade (extensão da troca de apoio na relação ou na rede), homogeneidade (grau de semelhança das características dos membros da rede), estabilidade (intensidade das alterações na identidade da rede de uma pessoa, durante um determinado período de vida) (Moreira, 2002; Uchino, 2004). Uma vez que a literatura que diz respeito aos aspectos estruturais do apoio social é extensa e complexa, serão referidas apenas algumas conclusões baseadas nos resultados das investigações realizadas: (a) grande parte dos estudos feitos concentrou-se no parâmetro *tamanho da rede de apoio social* (Moreira, 2002) e, na sua maioria, (b) este parâmetro está positivamente correlacionado com a quantidade de apoio recebido e percebido (p.e., Russell, Booth, Read, & Laughlin, 1997; Sarason e col., 1987); (c) os resultados para outras propriedades estruturais da rede nem sempre são consistentes ou representativos (Moreira, 2002), excepto ao nível da (d) qualidade das relações, que está quase invariavelmente correlacionada numa direcção positiva com o apoio percebido (entendido como a percepção de apoio disponível e a satisfação com esse apoio) (p.e., Russell e col., 1997; Sarason e col., 1987; Vaux & Harrison, 1985).

#### *Apoio trocado (exchanged)*

Ainda que os estudos sobre redes sociais, apoio percebido e satisfação com o apoio tenham alcançado uma popularidade apreciável, alguns autores (p.e., Shumaker & Brownell, 1984; Vaux, 1988) defendem que o estudo do processo de troca de apoio é fundamental para perceber determinados mecanismos através dos quais o apoio social exerce efeitos desejáveis (Moreira, 2002). Esta posição assenta na ideia de que o apoio social é um “processo transaccional, complexo e contínuo” (Vaux, 1988, p.68), a qual tem contribuído para a falta de investimento dos investigadores neste campo, pelas dificuldades conceptuais e metodológicas que implica (Moreira, 2002).



O termo utilizado por Moreira (2002) serve para englobar outros termos frequentemente utilizados na literatura, tais como apoio recebido, apoio mobilizado (*enacted*) e comportamento apoiante (*supportive behavior*).

O apoio recebido e mobilizado referem-se, respectivamente, à perspectiva de quem recebe apoio e de quem fornece apoio, sendo a concordância entre os dois geralmente baixa (Laireiter & Baumann, 1992). Estes conceitos dizem respeito a interações reais entre indivíduos que trocam apoio (*idem*). Entre os vários critérios empíricos destes dois conceitos encontram-se os seguintes: a quantidade de comportamentos apoiantes recebidos num determinado intervalo de tempo, numa situação específica ou de determinadas pessoas (Pereira, 2001).

Os comportamentos de apoio são, segundo Vaux (1988), actos geralmente reconhecidos (pela maioria dos membros de uma cultura) como esforços intencionais para ajudar a pessoa, de forma espontânea ou sob pedido prévio. Estes comportamentos podem assumir várias formas e servir diversas funções. Apesar da tipologia dos comportamentos apoiantes variar entre os investigadores, alguns (Barrera, 2000; Cutrona & Russell, 1990; Uchino, 2004) concordam que o apoio social serve as seguintes funções: emocional (expressões de afecto, compreensão, preocupação, etc.), informativa (provisão de conselhos e orientação), instrumental (provisão de ajuda material e financeira) e de integração (partilha de actividades sociais, desenvolvimento do sentimento de pertença).

Têm sido analisadas as condições sob as quais as diferentes funções do apoio social se revelam mais benéficas (Berkman & Glass, 2000; Thoits, 1995). Os resultados da investigação (p.e., Pierce, Frone, Russell, & Cooper, 1996) têm corroborado, de uma forma geral, a proposta de alguns investigadores, denominada *matching hypothesis of social support*, segundo a qual a eficiência de qualquer tipo de apoio dependerá do seu grau de correspondência com as necessidades impostas pelas circunstâncias (Cohen & Wills, 1985; Cutrona & Russell, 1990).

#### *Apoio percebido*

Perante as dificuldades encontradas no estudo do tópico anterior (apoio trocado) e a prevalência das abordagens cognitivas na Psicologia a partir de 1980, os investigadores investiram os seus esforços no estudo do apoio percebido (Moreira, 2002).

Dunkel-Schetter e Bennett (1990) referem-se aos conceitos *apoio recebido* e *apoio percebido*, respectivamente, como as componentes comportamentais e cognitivas do apoio social.

A distinção entre apoio recebido e apoio percebido tem sido feita de forma cuidada a nível conceptual e empírico (Pereira, 2001), uma vez que vários estudos demonstraram a existência de correlações baixas entre ambos (Dunkel-Schetter & Bennett, 1990), registando-se um aumento significativo na intensidade das correlações nas relações próximas (Antonucci & Israel, 1986) e correlações mais elevadas entre resultados positivos e o apoio percebido, do que entre o primeiro e o apoio recebido (Dunkel-Schetter & Bennett, 1990). Uchino (2004) apresenta algumas razões para justificar o

facto de o apoio recebido não ser tão benéfico quanto a percepção de disponibilidade de apoio: (a) as circunstâncias adversas estão geralmente associadas ao aumento da procura de apoio, (b) a qualidade do apoio recebido pode não ser a indicada e (c) pedir ou receber apoio pode estar relacionado com um decréscimo de auto-estima. Desta forma, medidas subjectivas de apoio predizem melhor o resultado do apoio do que avaliações objectivas (Pereira, 2001).

O apoio percebido pode ser perspectivado de acordo com dois fenómenos distintos: a cognição sobre o apoio (percepção geral de ser apoiado) e a avaliação do apoio (adequação do e satisfação com o apoio) (Laireiter & Baumann, 1992). Ambos são individuais e subjectivas, podendo estar apenas parcialmente, ou de modo nenhum, relacionados com as características objectivas do apoio trocado, dada a intervenção de variáveis internas, personalísticas ou socio-cognitivas (Moreira, 2002).

Esta dimensão do apoio social não é uma característica do ambiente do indivíduo, antes diz respeito ao mundo interno de representações mentais e afectos da pessoa (Pereira, 2001). A percepção de apoio reflecte, segundo alguns autores (p.e., Sarason e col., 1990), expectativas sobre o relacionamento interpessoal relativamente estáveis, com origem em experiências precoces.

#### *Apoio negativo*

Entre a década de 60 e o início da década de 80, os estudos de apoio social enfatizavam apenas os aspectos positivos deste, negligenciando a importância do impacto dos aspectos negativos ou indesejáveis das relações (Moreira, 2002).

De facto, as relações podem ser fonte de prazer, conforto e apoio, mas também de conflito, frustração e desapontamento (Akiyama, Antonucci, Takahashi, & Langfahl, 2003; Antonucci, Akiyama, & Lansford, 1998; Levitt, Silver, & Franco, 1996; Rook, 1997).

Nos meandros do estudo dos comportamentos negativos (p.e., comportamentos destrutivos, tentativas de apoio insensíveis ou mal-direccionadas, etc.), os autores têm-se confrontado com algumas dificuldades na definição de *interacções de apoio negativo* ou na distinção entre *intenções* e *efeitos* (Moreira, 2002). A maioria define *interacções de apoio negativas* como aquelas a que a fonte ou o receptor de apoio atribuem intenções perversas, ou que induzem emoções negativas no receptor ou o fazem sentir hesitante quanto à relação (Rook, 1992). No entanto, por um lado, o comportamento mal-intencionado pode ter efeitos positivos ou ser mal-interpretado como apoiante e, por outro, o apoio percebido como útil, por ambas as partes envolvidas, pode ter efeitos negativos, se não for ao encontro das necessidades da pessoa suportada (Moreira, 2002).

No âmbito do estudo deste tópico, tem sido dada alguma atenção às interacções de apoio negativo nas relações próximas. Os resultados de algumas investigações (p.e., Akiyama e col., 2003; Smith & Goodnow, 1999) sugerem uma tendência geral para a diminuição da negatividade no apoio ao longo da vida de uma pessoa, que tem sido explicada através de três possibilidades: processo de maturação, familiaridade com as relações

próximas e diminuição da frequência dos contactos com os membros da rede social. Para além das diferenças de idade encontradas nas interacções sociais negativas, outros estudos mostram que também existem diferenças de género ao nível da fonte e do significado de *interacções sociais negativas* (Antonucci e col., 1998; Canary, Cupach, & Messman, 1995) e do efeito dessas interacções: as mulheres são mais afectadas que os homens, pelo facto de (a) perceberem maior número de relações próximas (Antonucci & Akiyama, 1987b; Antonucci e col., 1998), (b) identificarem e conceptualizarem *relações próximas* de maneira diferente (Acitelli & Antonucci, 1994) e (c) sentirem mais responsabilidade na dissolução da negatividade das interacções que o sexo oposto (Kessler, McLeod, & Wethington, 1985; Schuster, Kessler, & Aseltine, 1990).

O presente trabalho adopta a definição e o modelo (tópico desenvolvido na secção 3) de apoio social defendidos por Kahn e Antonucci (1980). Estes autores definiram operacionalmente apoio social como “transacções interpessoais que incluem um ou mais dos seguintes aspectos: afecto, afirmação e ajuda” (Kahn & Antonucci, 1980, p.267). O elemento *afecto* inclui manifestações de agrado, amor, admiração, respeito. *Afirmação* diz respeito a expressões de concordância ou de conhecimento da adequação de determinado acto, discurso ou perspectiva. As transacções que incluem ajuda directa ou assistência, como a troca de objectos, dinheiro, informação, conselhos, tempo estão compreendidas no elemento *ajuda*.

## 2.2. Apoio social: instrumentos de medida

A diversidade de instrumentos ou medidas do apoio social que têm sido publicadas é, segundo Vaux (1988), um desafio e um problema. Esta diversidade reflecte a complexidade do conceito e a multiplicidade dos seus tópicos para análise que, por sua vez, obrigaram os investigadores a escolher uma determinada abordagem teórica e a desenvolver medidas congruentes com essa perspectiva, cujos resultados não são permutáveis entre si (Cohen e col., 2000).

Segundo Uchino (2004), são igualmente válidas as abordagens gerais, quanto à definição e medição do apoio social, e as abordagens específicas de cada domínio do apoio social, sendo necessário explicitar, para cada uma, as suas vantagens e desvantagens. O mesmo autor recomenda ainda a utilização de alguns instrumentos de avaliação de apoio social, como o *Arizona Social Support Interview Schedule* (Barrera, 1980), o *Social Support Questionnaire* (I. G. Sarason, Levine, Basham, & Sarason, 1983) ou o *Social Relationships Index* (Uchino, Holt-Lunstad, Uno, & Flinders, 2001), por permitirem medir simultaneamente aspectos estruturais e funcionais do apoio social.

Por outro lado, o desenvolvimento de instrumentos de medida do apoio social nem sempre foi acompanhado de rigor psicométrico. A este respeito, Vaux (1988) comenta que, ainda que esta preocupação tivesse sido expressa relativamente cedo, só a partir de meados da década de 80, começaram a aparecer instrumentos bem fundamentados, mais ambiciosos e com boas qualidades psicométricas.

Encontram-se disponíveis na literatura várias sistematizações e

revisões sobre instrumentos de medição de *apoio social* e suas características psicométricas (p.e., Barrón, 1996; Bowling, 1997; Vaux, 1988).

Em Portugal, existem alguns instrumentos de avaliação deste constructo, devidamente estudados quanto às suas qualidades psicométricas, como a Escala de Apoio Social (Matos & Ferreira, 1999), a Escala de Provisões Sociais (Cutrona & Russel, 1987; versão portuguesa: Pinheiro & Ferreira, 2001) ou o Questionário de Apoio Social (I. G. Sarason, Levine, Basham, & Sarason, 1983; versão portuguesa: Moreira, Andrez, Moleiro, Silva, Aguiar, & Bernardes, 2002).

No contexto da presente investigação, interessa analisar pormenorizadamente um instrumento em particular: aquele que foi desenvolvido a partir do Modelo em Comboio (*Convoy Model*), por Kahn e Antonucci (1980).

### 3. O Modelo em Comboio de apoio social (*Convoy Model*)

O modelo de Antonucci (1976), conhecido na literatura por Modelo em Comboio, tem ganho reconhecimento e merecido citações em trabalhos recentes sobre as várias dimensões ligadas ao apoio social, devido ao seu pioneirismo na infusão de uma perspectiva de desenvolvimento na análise tradicional das redes sociais (Canavarro, 1999; Levitt, 2005). Por outro lado, à semelhança do Modelo de Rede Social de Lewis (1988), contribuiu para ultrapassar a divisão tradicional existente nos trabalhos de investigação sobre relações interpessoais<sup>2</sup>, ao integrar os conceitos de *relações de vinculação*, *apoio social* e *relações próximas* (englobando-as no termo *apoio social*), unificando-os para todo o ciclo de vida (Canavarro, 1999). Nas últimas três décadas, este tem modelo sido desenvolvido a partir dos trabalhos de investigação do seu autor (p.e., Antonucci, 1990, 1994) e de colaboradores como Kahn (Kahn & Antonucci, 1980), Akiyama (p.e., Antonucci & Akiyama, 1987, 1991, 1994), Levitt (p.e., Levitt, 1991, 2005; Levitt, Coffman, Guacci-Franco, & Loveless, 1994), entre outros.

O termo *comboio*, emprestado dos antropologistas (Plath, 1975; cit. por Antonucci, 1985), foi preferido ao termo *rede social*, com o propósito de capturar a função protectora e a natureza contínua e dinâmica da rede social que *viaja* com o indivíduo, e com a qual troca apoio social, ao longo do ciclo de vida (Antonucci, 1985; Antonucci & Akiyama, 1994; Kahn & Antonucci, 1980; Levitt, 2005). Sob condições ideais, as relações que o indivíduo estabelece com os *membros do comboio* têm efeitos positivos, ajudando o indivíduo a lidar com as adversidades e tarefas desenvolvimentais com que se confronta e, desta forma, a crescer e a desenvolver-se (Antonucci, Akiyama, & Takahashi, 2004). Contudo, sob condições sub-ideais, o *comboio* pode ter efeitos negativos, como orientar incorrectamente os esforços do indivíduo, destruir aspirações, interferir com o sucesso ou criar problemas (Antonucci e col., 2004).

O Modelo em Comboio aproxima-se das teorias da vinculação (Kahn

---

<sup>2</sup> Na literatura tradicional, a vinculação era estudada no contexto da infância, enquanto que as relações próximas e o apoio social eram analisados na idade adulta (Canavarro, 1999).

& Antonucci, 1980; Levitt, 1991, 2005). O *comboio social* é perspectivado como tendo aparecido (desenvolvimentalmente) do núcleo das relações de vinculação da infância e expandido para incluir outras relações importantes, à medida que o indivíduo integra uma esfera social mais abrangente (Antonucci, Fuhrer, & Jackson, 1990; Kahn & Antonucci, 1980; Levitt, 2005). As relações precoces com figuras significativas têm efeitos duradouros nos esquemas pessoais relacionais e nas expectativas sociais que, posteriormente, influenciarão o modo como o indivíduo mobiliza o *comboio* e interpreta os comportamentos de apoio social (Pereira, 2001). As relações de vinculação ao longo da vida são encaradas como um subconjunto pequeno, relativamente estável e muito influente de relações do *comboio* (Levitt, 2005). À semelhança da vinculação segura, as trocas de apoio afectivo, instrumental e auto-afirmativo entre os *membros do comboio* promovem o funcionamento adaptativo do indivíduo (Antonucci e col., 1990).

Consistentes com a abordagem socio-dinâmica, Kahn e Antonucci (1980), observaram que as propriedades estruturais (tamanho, composição, tipo de relações, grau de proximidade das relações, etc.) e funcionais (tipo de apoio dado e recebido e satisfação com esse apoio) da rede social podiam ser descritas quanto ao seu estado num determinado momento e quanto às mudanças que ocorrem ao longo do tempo e do espaço. As propriedades estruturais e funcionais do *comboio de relações sociais* são modeladas por características pessoais (género, idade e outras características demográficas, personalidade e estado de saúde) e situacionais (papéis, acontecimentos de vida, localização geográfica, etc.), que afectam a percepção de necessidade de apoio do indivíduo e a sua capacidade para obter esse apoio (Antonucci, 1985; Levitt, 2005).

Na tentativa de construir uma teoria do curso da vida, Kahn e Antonucci (1980) desenvolveram as suas análises desenvolvimentais em termos de transições normativas e não normativas que ocorrem ao longo do ciclo de vida (Levitt, 2005). A maturação e o envelhecimento estão associadas a transições normativas de papéis (p.e., ida para a escola, o casamento, a parentalidade, a reforma) que são acompanhadas de novas expectativas, exigências e desafios para o sujeito (Antonucci, 1985; Levitt, 2005; Vaux, 1988). As transições não normativas podem ocorrer quando, por exemplo, os indivíduos migram, adoecem ou ganham a lotaria (*idem*). Cada evento da vida acarreta reconstruções potenciais da rede de apoio social, consoante a necessidade do sujeito formar uma rede social mais adequada ao seu bem-estar (Antonucci, 1985; Levitt, 2005).

Apesar destas alterações, existe alguma estabilidade no *comboio social* (Pereira, 2001). Os estilos relacionais e as expectativas sociais manifestam alguma continuidade e estabilidade ao longo da vida (Levitt, 1991; Levitt e col., 1994). As relações mais próximas são mais estáveis ou resistentes à mudança (Antonucci e col., 2004; Kahn & Antonucci, 1980; Levitt, 1991; Levitt & Silver, 1999), por acção de factores externos (p.e., normas culturais) e internos à relação (p.e., expectativas acerca do outro) (Pereira, 2001).

Por fim, o Modelo em Comboio tem a vantagem de considerar as

relações sociais do *comboio* de forma hierárquica (Canavarro, 1999) e, seguindo a tradição lewiniana, de assumir como *membros do comboio* todas as pessoas de quem o indivíduo se sente emocionalmente próximo e que são importantes na sua vida, sem fazer assumpções *a priori* sobre este tópico (Levitt, 2005).

### 3.1. O instrumento inspirado no Modelo em Comboio

Em 1980, Kahn e Antonucci construíram um instrumento com base no modelo acima mencionado (o *Modelo em Comboio*). Traduz, segundo os autores, uma abordagem subjectiva da definição de apoio social, na medida em que o respondente é solicitado para identificar as pessoas mais importantes em termos de apoio trocado e a avaliar o apoio dado, o recebido e a satisfação relativamente a esse apoio.

O instrumento avalia a rede de apoio social centrada no indivíduo através de uma técnica de representação espacial (inclui um diagrama com quatro círculos concêntricos, pelos quais se distribuem os *membros do comboio*, estando o sujeito respondente representado no círculo interno). Desta forma, a estrutura dinâmica e hierárquica do *comboio de redes sociais* é definida empiricamente através destes círculos concêntricos que envolvem o indivíduo (Antonucci, 1986; Levitt e col., 1994) e que representam, à medida que os círculos se aproximam do próprio, níveis crescentes de intimidade e importância (Canavarro, 1999). Os inquiridos são habitualmente solicitados a incluir: no círculo interior, mais próximo do sujeito, as pessoas de quem “se sentem tão próximas que é difícil imaginar a vida sem elas”; no círculo do meio, as pessoas que “não sendo tão próximas são também importantes”; e, no círculo exterior, as pessoas consideradas “suficientemente próximas e importantes” na vida do indivíduo, para serem representadas (Antonucci, 1986, pp. 10-11).

Segundo Kahn e Antonucci (1980), as pessoas mais próximas e mais importantes do círculo interior são consideradas funcionalmente equivalentes às figuras de vinculação do indivíduo, de acordo com o teorizado por Bowlby. As relações dos círculos médio e exterior seriam, na terminologia da *vinculação*, vinculações secundárias e relações sociais mais gerais, respectivamente (Antonucci, 1994).

A escolha deste instrumento, nos mais diversos estudos, relaciona-se com algumas das possibilidades que oferece: (1) avaliação simultânea de características estruturais e funcionais da rede e da adequação da rede de apoio identificada e (2) facilidade na identificação da rede pessoal social, não existindo limite para o número de pessoas a incluir (Antonucci, 1985). Por outro lado, como lembra Pereira (2001), esta metodologia pode funcionar como grelha de leitura que dá acesso à caracterização dos vários períodos desenvolvimentais e da evolução das relações e das suas funções, bem como contribuir para o estudo dos factores, inerentes a estas teias relacionais, que mais se relacionam com o bom/mau ajustamento socio-emocional do indivíduo.

As características do *Convoy Model* tornam-no versátil, facto que constitui simultaneamente o seu ponto forte e fraco. Existem inúmeras versões deste instrumento, utilizadas para os mais diversificados fins, mas

poucos estudos que avaliam as qualidades psicométricas das versões utilizadas pelos seus autores (cf. Levitt e col., 1993), tornando os parâmetros não comparáveis entre si. Relativamente à versão original, não existem estudos psicométricos conhecidos.

Os primeiros estudos levados a cabo com o *diagrama em comboio* (cf. Antonucci & Akiyama, 1987a; Kahn, 1978, cit. por Kahn & Antonucci, 1980; Kahn & Antonucci, 1980; Levitt, Weber, & Guacci, 1993), com o objectivo de obter informação relativamente (1) ao tamanho e à composição dos diferentes níveis do diagrama, correspondentes a diferentes níveis de apoio social, (2) às diferenças estruturais da rede encontradas ao longo do ciclo de vida e (3) ao tipo e quantidade de apoio providenciado por cada relação, obtiveram os seguintes resultados.

O círculo interior tem em média três a cinco indivíduos (não sendo este valor afectado pela idade), embora possa ter um indivíduo ou estar vazio; os elementos aí colocados são percebidos como fontes importantes e principais fornecedores de apoio social e desempenham habitualmente o papel de cônjuges, pais e filhos, embora alguns amigos sejam, por vezes, incluídos. Por outro lado, a estabilidade das relações com os elementos do primeiro círculo é grande ao longo do tempo (aproximadamente de 30 anos), a proximidade geográfica e a frequência do contacto directo não parecem ser bons indicadores da pertença ao círculo interno, sendo esta posição determinada pela qualidade da relação e não pelo papel desempenhado.

Os dois círculos restantes são constituídos por indivíduos que habitualmente representam papéis ligados à família alargada, amigos, colegas de trabalho, superiores, vizinhos e conhecidos, que alcançaram alguma importância que vai além das obrigações inerentes ao papel. São elementos cuja presença no *comboio* depende do papel representado; as relações são menos estáveis ao longo do tempo e dependentes da frequência da interacção e da proximidade geográfica.

As alterações estruturais do comboio (p.e., perdas e ganhos de elementos) podem ser ocasionados por alterações não normativas diferentes. No círculo interno, as alterações parecem resultar da morte ou de experiências de ruptura com grande impacto emocional, para as quais podem ter contribuído acontecimentos de vida que precipitaram uma necessidade aguda de ajuda, seguida de violações extremas ou recorrentes de expectativas relativamente ao outro (Levitt e col., 1994). Em relação aos dois círculos mais afastados, as modificações parecem prender-se com modificações no papel desempenhado, mudanças de trabalho ou residência, sendo estes círculos os que mais alterações sofrem ao longo do ciclo de vida.

Os resultados mostraram ainda que o tipo e a quantidade de apoio recebidos não diferiam de geração para geração. Independentemente da geração ou da cultura, as relações mais próximas (do círculo interno) garantiam níveis elevados de apoio e várias formas de apoio (instrumental, emocional, informativo, etc.), ao passo que os restantes *membros do comboio* forneciam, pelo menos, um tipo de apoio (Levitt, 1991; Levitt e col., 1993; Levitt, 2005). Os resultados apontaram, no entanto, para algumas diferenças do apoio social percebido em função da idade ou fase do

ciclo de vida. As inquiridas mais idosas, relativamente aos indivíduos mais jovens, têm a percepção de fornecerem menos apoio aos membros da sua rede e de receberem mais apoio da família, como também incluem mais familiares e menos amigos nas suas redes sociais de apoio (Levitt e col., 1993).

Evidências empíricas posteriores são consistentes com as premissas básicas do Modelo em Comboio (Levitt, 2005).

Diferenças na estrutura e função do *comboio social* relacionadas com a fase do ciclo de vida foram encontradas em investigações transversais com amostras muito amplas quanto à idade e cultura (Antonucci & Akiyama, 1987a; Antonucci e col., 2004; Levitt, 1991; Levitt e col., 1993) e em estudos longitudinais de curta duração focados em períodos de transição específicos, como a entrada para a universidade (Levitt & Silver, 1999), nascimento de um filho (Levitt e col., 1994) ou a reforma (Bosse, Aldwin, Levenson, Workman-Daniels, & Ekerdt, 1990). Os estudos sobre o desenvolvimento do *comboio de relações sociais* na infância e adolescência mostram ainda que (1) as crianças e os adolescentes beneficiam da disponibilidade de relações múltiplas, que têm papéis diversos nas suas vidas, (2) o significado de relações específicas (mãe, pai, família alargada) não é uniforme entre géneros e diferentes etnias e (3) não é possível encontrar um padrão único para a estrutura e função do *comboio*, que optimize a adaptação desenvolvimental em contextos divergentes (Antonucci e col., 2004; Levitt, 2005).

Tal como foi proposto por Kahn e Antonucci (1980), as relações do primeiro círculo são mais estáveis ao longo do tempo, ocorrendo a maioria das alterações nos círculos periféricos do instrumento (Antonucci e col., 2004; Levitt, 1991; Levitt & Silver, 1999).

As características estruturais e funcionais do *comboio social* têm sido relacionadas com influências pessoais e situacionais (M. Levitt, Bustos, Crooks, Levitt, Santos, & Telan, 2000; M. Levitt, Crooks, Bustos, Levitt, Telan, Santos, Franco, Hodgetts, Milevsky, & Oliva, 2001).

Vários estudos têm encontrado associações entre o apoio social dos *membros do comboio* e ajustamento psicossocial. No entanto, o *comboio* nem sempre tem uma função otimizadora e as relações sociais podem influenciar negativamente a adaptação (Antonucci, 1990, 2001; Levitt, Silver, & Franco, 1996).

No contexto do presente trabalho, interessa ainda apresentar alguns resultados empíricos relativos a diferenças de género, estado civil e nível socio-económico (NSE), para além das diferenças de idade já apresentadas, na estrutura e função do *comboio social*.

Segundo Antonucci (1985, 1990) as mulheres declaram fornecer mais apoio, ter um contacto mais frequente com os membros do *comboio*, estar mais satisfeitas com os amigos e ter redes sociais mais largas e multifacetadas que os homens. Vários investigadores argumentam que as mulheres têm mais relações próximas e se sentem mais envolvidas nestas relações (p.e., Acitelli & Antonucci, 1994; Antonucci e col., 1998; Canary e



col., 1995; Levitt e col., 1996) do que os elementos do sexo masculino, ainda que este facto nem sempre tenha um efeito positivo no seu bem-estar (Antonucci e col., 1998). Apesar da experiência qualitativa destas relações poder ser diferente entre géneros, alguns resultados mostram que o número de relações próximas não é diferente, uma vez que a natureza dessas relações é frequentemente a mesma (p.e., pais-filhos, cônjuge, irmão, etc.) (Antonucci e col., 2004).

O estado civil parece afectar de forma clara a estrutura da rede social (Antonucci, 1985). As pessoas casadas têm normalmente um *comboio de relações sociais* maior que as solteiras, separadas, divorciadas ou viúvas (Kahn & Antonucci, 1983; Lipman, 1981). Contudo, existem diferenças de género nas redes de apoio social dos casados. As mulheres percebem menos apoio social (dado e recebido) dos seus maridos, que estes, e mais apoio social (dado e recebido) das suas crianças, que os homens (Depner & Ingersoll, 1983). Por outro lado, Longino e Lipman (1981) e Akiyama, Elliot e Antonucci (1996) concluíram que as mulheres casadas tinham as redes sociais maiores e os homens solteiros as menores.

Indicadores do NSE de um indivíduo (tais como o nível de educação e o estatuto profissional) influenciam as experiências sociais e as características do *comboio social* (Ajrouch, Blandon, & Antonucci, 2005; McPherson, Smith-Lovin, & Cook, 2001). De um modo geral, as pessoas pertencentes a um NSE mais baixo tendem a ter *comboios sociais* mais pequenos, estáveis e constituídos essencialmente por membros da família (Antonucci, 1985; McPherson e col., 2001). Estatutos profissionais mais elevados parecem conferir mais oportunidades para o indivíduo formar laços sociais com os seus colegas do que os estatutos profissionais mais baixos e níveis de educação mais elevados estão relacionados com *comboios sociais* maiores e mais diversificados, havendo uma proporção semelhante entre os membros da família e os amigos (*idem*).

## II - Objectivos

O presente estudo insere-se no plano de trabalhos de projectos em curso, integrados na linha de investigação “Relações, Desenvolvimento e Saúde”, do Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Vocacional e Saúde, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

O objectivo geral deste trabalho consistiu na realização do estudo das propriedades psicométricas – precisão e validade – da versão adaptada do *Convoy Model* na população geral, que possibilitará a utilização científica deste instrumento na população portuguesa. Adicionalmente, investigou-se a variabilidade dos aspectos estruturais e funcionais do apoio social em função de algumas variáveis sociodemográficas consideradas neste estudo.

## III - Metodologia

### 1. Amostra

#### 1.1. Critérios de amostragem

Os critérios de amostragem orientaram a selecção dos indivíduos da

comunidade que, num primeiro momento, acederam à participação nesta investigação (técnica de amostragem não probabilística, intencional ou de conveniência; Kiess & Bloomquist, 1985).

De acordo com os objectivos deste estudo, a constituição da amostra definitiva (n=119) foi orientada por dois critérios de inclusão: idade compreendida no intervalo [18;80] e nível cognitivo que não compromettesse o preenchimento válido do protocolo de avaliação. Foram excluídos da amostra todos os protocolos que não estavam devidamente preenchidos (n=31).

### 1.2. Procedimentos de recolha de dados

A amostra foi recolhida em vários grupos da população geral (alunos da Universidade de Coimbra e da Beira Interior, seus familiares e conhecidos, e elementos da comunidade que acederam preencher voluntariamente o protocolo), entre Setembro de 2006 e Abril de 2007, através de uma bateria de escalas e questionários de auto-resposta. Um número significativo de sujeitos (n=22) preencheu o reteste um mês depois da primeira aplicação do protocolo.

Os indivíduos que fazem parte da amostra foram abordados pela autora do presente trabalho ou por outras psicólogas investigadoras que colaboraram na colheita dos dados, de acordo com o procedimento seguinte:

- I. Pedido de colaboração voluntária; explicação sobre a natureza do estudo; garantia de confidencialidade das respostas.
- II. Preenchimento do protocolo de avaliação abaixo descrito, com instruções padronizadas. Esclarecimento de dúvidas ocasionais surgidas no decurso da acção anterior por uma das psicólogas presentes.

### 1.3. Caracterização geral da amostra

As características gerais da amostra encontram-se no Quadro 1.

Tal como se pode constatar da análise do quadro, dos 119 sujeitos da população geral que constituem a amostra, 81 são do sexo feminino (aproximadamente 68% do total de sujeitos) e 38 são do sexo masculino (cerca de 32 % do grupo em estudo).

A média das idades do grupo da população geral situa-se nos 32.3 anos (DP=14.2), havendo uma predominância (44.5%) do grupo etário [21-30].

Do número total de sujeitos da amostra, a maioria era solteiro (59.7%) ou casado/vivia em união de facto (33.6%), sendo o somatório das percentagens de indivíduos divorciados e viúvos inferior a 7%.

Relativamente às habilitações literárias, grande parte dos sujeitos respondentes frequente, frequentou ou concluiu o ensino superior (57.1%) ou o ensino secundário (28.6%), ao passo que os restantes participantes tinham como habilitações literárias o 3º ciclo (7.6%), o 1º ou 2º ciclos (5.9%) ou ausência de quaisquer habilitações (0.8%). A este propósito, saliente-se o facto de 62 sujeitos (52.1%) estarem empregados, 41 (34.5%) serem estudantes e apenas 16 (13.4%) se encontrarem numa destas

situações: desempregado, reformado ou doméstico.

A distribuição da amostra pelo nível socio-económico, classificado de acordo com a categorização proposta por Simões (1994), à qual se acrescentou um quarto grupo (estudantes), mostra que mais de metade da amostra pertencia ao NSE médio (37.8%) ou ao grupo de estudantes (34.5%), enquanto que os NSE mais extremos recebiam apenas 27.7% dos sujeitos (19.3% do NSE baixo e 8.4% do NSE elevado).

**Quadro 1. Características sociodemográficas da amostra da validação do *Convoy Model***

Variáveis sociodemográficas	Amostra (n=119)			
	Frequências absolutas	Frequências relativas (%)		
<b>Género</b>				
Masculino	38	31.9		
Feminino	81	68.1		
<b>Estado civil</b>				
Solteiro	71	59.7		
Casado/União de Facto	40	33.6		
Divorciado	5	4.2		
Viúvo	3	2.5		
<b>Habilitações literárias</b>				
Não sabe ler e/ou escrever	1	.8		
Básico – 1º e 2º ciclos	7	5.9		
Básico – 3º ciclo	9	7.6		
Secundário	34	28.6		
Superior	68	57.1		
<b>Nível socio-económico (NSE)</b>				
Baixo	23	19.3		
Médio	45	37.8		
Elevado	10	8.4		
Estudante	41	34.5		
<b>Idade (grupo etário)</b>				
<20	23	19.3		
21-30	53	44.5		
31-40	16	13.4		
41-50	12	10.1		
51-60	8	6.7		
>60	7	5.9		
<b>Idade</b>	<b>Média</b>	<b>Desvio-padrão</b>	<b>Mínimo</b>	<b>Máximo</b>
	32.3	14.2	18	79

## 2. Instrumentos de avaliação

O protocolo de avaliação utilizado para recolher a amostra é composto por uma ficha de dados socio-demográficos e dois instrumentos de avaliação psicológica devidamente documentados e cuja utilização foi autorizada pelos seus autores: *Convoy Model* (Kahn & Antonucci, 1980; versão adaptada: Gameiro, Moura-Ramos & Canavarro, 2006) e Escala de Apoio Social (EAS - Matos & Ferreira, 1999).

A ficha de dados socio-demográficos foi construída para recolher

informações relativas a um conjunto de variáveis sociodemográficas (p.e., género) dos sujeitos respondentes, que possibilitassem o estudo de factores de variabilidade do constructo teórico (apoio social) que o *Convoy Model* pretende medir.

Para além do instrumento que foi objecto deste estudo, foi também utilizada a EAS (Matos & Ferreira, 1999) com o propósito de obter outra medida de *apoio social* e, assim, determinar a validade concorrente do *Convoy Model*. Na escolha da EAS pesou ainda o facto de este instrumento apresentar características psicométricas estudadas numa amostra da população portuguesa.

#### *Ficha de dados sociodemográficos*

A ficha de dados sociodemográficos incluía tópicos relativamente a 6 aspectos individuais: género, idade, estado civil, habilitações literárias, situação profissional e profissão.

#### *Convoy Model (Kahn & Antonucci, 1980; versão adaptada: Gameiro, Moura-Ramos & Canavarro, 2006)*

A descrição da versão original deste instrumento encontra-se no capítulo I deste trabalho, sendo redundante a sua repetição.

Como mencionado anter existam inúmeras versões do *Convoy Model*, mas poucos estudos que avaliam as qualidades psicométricas das versões utilizadas pelos seus autores (cf. Levitt e col., 1993), cujos parâmetros não são comparáveis entre si. Porém, são conhecidos alguns dados descritivos acerca da primeira parte deste instrumento, que mede características estruturais da *rede de apoio social*, entre elas, a estabilidade e o número de relações, o tipo de relações mais frequentes e a adequação percebida dessas relações (Antonucci, 1994). Desta forma, no que respeita ao primeiro círculo, o número médio de pessoas varia entre três e cinco, a duração média das relações ascende aos trinta anos, as pessoas referidas são predominantemente familiares próximos e o apoio social deriva sobretudo deste círculo (Antonucci, 1994; Levitt, 1991; Levitt e col., 1993; Levitt e col., 1994). O número médio de pessoas indicadas para o segundo e terceiro círculos é de cinco pessoas (Levitt e col., 1993). Os estudos realizados (Antonucci, 1985; Levitt e col., 1993) não registaram diferenças significativas no número de pessoas em cada círculo, em função de diferentes gerações ou culturas.

Nesta investigação utilizou-se a versão adaptada por Gameiro, Moura-Ramos e Canavarro, em 2006, de acordo com as orientações dos autores da versão original do instrumento. Relativamente à versão original, a versão utilizada mantém o diagrama de círculos concêntricos, ainda que na segunda parte do instrumento seja pedido ao sujeito respondente que avalie o apoio recebido, em relação a nove funções específicas (9 itens), de cada uma das pessoas que colocou no primeiro e no segundo círculo (até 12 pessoas, no máximo) e o grau de satisfação global com o apoio recebido da pessoa em causa, numa escala tipo *Likert* de 6 pontos (0=mínimo; 5=máximo).

Esta versão do *Convoy Model* avalia aspectos estruturais e funcionais do apoio social percebido pelo indivíduo respondente. Quanto aos aspectos

estruturais, este instrumento permite obter informação acerca da dimensão da rede social (dado pelo número total de *membros do comboio*), do tipo de relações que a compõem, do grau de importância ou proximidade dessas relações para o sujeito (dado pelo posicionamento da fonte de apoio nos círculos) e da proporção de membros por nível de proximidade (dado pelo número de membros em cada círculo). Em relação aos aspectos funcionais, esta versão do *Convoy Model* possibilita conhecer a quantidade e o tipo de apoio (instrumental ou emocional)<sup>3</sup> recebido, bem como a satisfação global com esse apoio, em função da categoria relacional de pertença do *membro do comboio* e do nível de proximidade das relações<sup>4</sup>.

#### *EAS – Escala de Apoio Social (Matos & Ferreira, 1999)*

A Escala de Apoio Social foi desenvolvida em 1999, por Matos e Ferreira, e permite medir o grau em que cada indivíduo avalia o seu apoio social.

Esta escala de auto-resposta engloba um conjunto de 16 questões, avaliadas segundo uma escala tipo *Likert*, com cinco possibilidades de resposta, que variam entre 1 (nível mais baixo de apoio social) e 5 (nível mais elevado de apoio social). Os itens 2, 5, 12, 13, 14 e 16, pela forma como estão formulados, deverão ser cotados inversamente.

Os estudos psicométricos realizados pelas autoras (Matos & Ferreira, 2000) demonstraram que a escala possui boas características psicométricas. Relativamente à consistência interna, os valores do *alpha de Cronbach* situaram-se acima dos .7 para as três subescalas encontradas (apoio informativo, apoio instrumental e apoio emocional) e dos .8 para os 16 itens que constituem a escala. A estabilidade temporal da EAS ficou comprovada a partir dos coeficientes teste-reteste, que variaram entre .93 (apoio emocional) e .96 (nota global). Por outro lado, os dados encontrados para a validade da escala revelaram bons indicadores de validade discriminativa, convergente e preditiva (Matos & Ferreira, 2000).

### 3. Tratamento estatístico dos dados

Para o tratamento estatístico dos dados utilizou-se a versão 14.0 do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*).

Através desta ferramenta de cálculo, no âmbito da descrição dos dados da amostra (estatística descritiva), calcularam-se médias e desvios padrão para variáveis contínuas e frequências simples (absolutas e relativas) e moda para variáveis categoriais.

Relativamente à análise factorial exploratória, efectuou-se uma análise de componentes principais com rotação *Varimax*.

O estudo das características psicométricas da versão adaptada do *Convoy Model* contou com o cálculo de: coeficientes *alpha de Cronbach*, de bipartição (*split-half*) e de *Spearman-Brown* (para a consistência interna) e

<sup>3</sup> Esta informação foi obtida a partir do presente estudo, sendo mencionada nesta secção do trabalho com o objectivo de completar a ideia que se pretende transmitir.

<sup>4</sup> No final da secção 1 do capítulo seguinte estão descritas informações mais detalhadas sobre a forma de obter estas medidas.

coeficientes de correlação de Pearson (para a fiabilidade temporal e as validades de constructo e concorrente). Na análise da relação entre *apoio social* e as variáveis sociodemográficas, foram ainda aplicados testes *t de Student* ou o seu equivalente não paramétrico para amostras independentes (teste de *U de Mann-Whitney*) e o equivalente não paramétrico da *One-Way Anova* para mais de duas amostras independentes (teste de *Kruskal-Wallis*). Sempre que este último teste revelou a existência de diferenças estatisticamente significativas entre grupos, aplicaram-se testes de comparações múltiplas (*Post-hoc*), nomeadamente testes múltiplos de *U de Mann-Whitney*.

#### IV - Resultados

Iniciou-se o estudo das características psicométricas do *Convoy Model* na sua aplicação a uma amostra da população portuguesa, procedendo-se à análise factorial exploratória da segunda parte do instrumento, com o objectivo de encontrar as dimensões subjacentes à mesma. Encontradas estas dimensões, foi então possível proceder ao estudo da precisão e da validade do *Convoy Model*. Os resultados deste estudo encontram-se descritos nesta secção que, no final, contém ainda dados descritivos da escala na aplicação à amostra em estudo.

Dado que a combinação entre as variáveis *número de membros do comboio*, o tipo de relação e o grau de proximidade, é variável entre os sujeitos respondentes, foi necessário organizar os dados em duas bases distintas. Assim, para além da construção de uma base de dados com as respostas dadas pelo sujeito ao protocolo de avaliação (base que tem como unidade de análise o sujeito respondente; n=119), foi também necessário construir uma segunda base de dados com as respostas do sujeito ao *Convoy Model* (base que tem como unidade de análise o *membro do comboio* dos sujeitos respondentes; n=1053) antes de proceder ao estudo das características psicométricas do instrumento.

A segunda base mencionada foi utilizada nos procedimentos estatísticos necessários à análise factorial exploratória do *Convoy Model* e à análise da sua consistência interna, ao passo que a primeira serviu para os procedimentos estatísticos das restantes características psicométricas do instrumento.

##### 1. Análise factorial exploratória do *Convoy Model*

Para conhecer os factores subjacentes aos itens do instrumento em estudo, efectuou-se uma análise de componentes principais com rotação ortogonal de tipo *Varimax*, recorrendo ao critério de Guttman-Kaiser na retenção dos componentes principais, que sugere que devem ser considerados os factores cujos valores próprios sejam superiores a 1. A extracção inicial permitiu identificar 2 factores com *eigenvalues* (raízes ou valores próprios do factor) superiores a 1, que explicam aproximadamente 68% da variância. A representação gráfica dos *eigenvalues* de cada um dos factores corrobora a retenção dos 2 factores, uma vez que, dos 8 factores extraídos, apenas 2 se situam acima do ponto de inflexão (teste *scree*, de

Catell).

Ainda que o instrumento incluía o item “Satisfação global com o apoio recebido” (item 9), este não foi incluído na análise, por não ser uma medida de avaliação de determinada função do apoio social recebido, antes diz respeito a uma apreciação global (inespecífica) desse apoio.

No quadro seguinte apresenta-se a distribuição dos itens do *Convoy Model* pelos diferentes factores<sup>5</sup> e os respectivos valores correlacionais, bem como os valores próprios de cada factor, a percentagem da variância explicada por cada um dos factores e a percentagem total da variância explicada.

**Quadro 2. Factores ortogonais após análise factorial exploratória**

Factor 1	Factor 2
Ajuda nas tarefas domésticas (item 4) <b>.774</b>	Segurança percebida (item 1) <b>.831</b>
Ajuda na prestação de cuidados (item 5) <b>.811</b>	Falar/desabafar (item 2) <b>.875</b>
Ajuda nos problemas do quotidiano (item 6) <b>.683</b>	Pedir conselhos (item 3) <b>.730</b>
Ajuda financeira (item 7) <b>.813</b>	Companhia/estar com (item 8) <b>.591</b>
<b>Valores próprios</b>	
4.273	1.143
<b>% de variância explicada</b>	
53.418	14.288
<b>% total de variância explicada</b>	
67.706	

Uma análise atenta dos itens mostra que os valores correlacionais dos itens são elevados<sup>6</sup> ( $\geq .50$ ) e sugere a existência de dois tipos de apoio social mencionados frequentemente na literatura: o apoio instrumental (factor 1) e o apoio emocional (factor 2). Desta forma, no factor 1 estão representados os itens 4, 5, 6 e 7, que traduzem um apoio instrumental (ou seja, transacções interpessoais que incluem assistência ou ajuda directa, na forma de ofertas de coisas, dinheiro, tempo, etc.), e o factor 2 compreende os itens 1, 2, 3 e 8, que traduzem um apoio emocional (isto é, transacções que incluem dimensões de afecto, ligação, respeito, protecção, etc.).

Uma vez encontrada a estrutura subjacente à segunda parte da versão do *Convoy Model* em estudo, composta por duas subescalas e um índice de *satisfação global* com o apoio social medido pelas primeiras, foi possível desenvolver algoritmos de cálculo que permitem obter medidas (globais e

<sup>5</sup> Para esta distribuição contribuíram os seguintes critérios: o peso de cada item relativamente ao factor e a relevância e o significado teóricos deste.

<sup>6</sup> De acordo com os critérios de Cohen (1992), as correlações podem ser consideradas *médias* ( $\geq .30$ ) ou elevadas ( $\geq .50$ ).

em função do grau de proximidade da relação<sup>7</sup> e da categoria relacional de pertença dos mesmos<sup>8</sup>) destes três elementos estruturais, indispensáveis no estudo da validação de um instrumento.

Desta forma, para o cálculo do *apoio instrumental (AI)* e *emocional (AE)* disponível e da *satisfação global (SG)* com essa disponibilidade, quando se considera cada um dos dois graus de proximidade dos *membros do comboio*, contribuíram, respectivamente:

- o somatório da pontuação obtida nos itens 4, 5, 6 e 7, para todos os *membros do comboio* pertencentes a cada um dos dois primeiros círculos (até 12 membros, no máximo);

- o somatório da pontuação obtida nos itens 1, 2, 3 e 8, para todos os *membros do comboio* pertencentes a cada um dos dois primeiros círculos (até 12 membros, no máximo);

- o somatório da pontuação obtida no item 9, para todos os *membros do comboio* pertencentes a cada um dos dois primeiros círculos (até 12 membros, no máximo).

Do mesmo modo, para o cálculo do *apoio instrumental* e *emocional* disponível e da *satisfação global* com essa disponibilidade, quando se considera cada uma das categorias relacionais de pertença do *membro do comboio*, contribuíram, respectivamente:

- o somatório da pontuação obtida nos itens 4, 5, 6 e 7, para todos os *membros do comboio* (até 12 membros, no máximo) pertencentes a cada uma das quatro categorias relacionais possíveis;

- o somatório da pontuação obtida nos itens 1, 2, 3 e 8, para todos os *membros do comboio* (até 12 membros, no máximo) pertencentes a cada uma das quatro categorias relacionais possíveis;

- o somatório da pontuação obtida no item 9, para todos os *membros do comboio* (até 12 membros, no máximo) pertencentes a cada uma das quatro categorias relacionais possíveis.

Por fim, o cálculo das totalidades de *apoio instrumental* e *emocional* disponível e da *satisfação global* com essa disponibilidade é feito a partir do somatório da pontuação obtida nos itens relativos a cada tipo de apoio social e à satisfação com esse apoio, para todos os membros do comboio identificados na segunda parte do instrumento.

---

<sup>7</sup> O grau de proximidade da fonte de apoio social percebida é apurado a partir do círculo em que o sujeito respondente o posicionou. Os resultados do apoio social obtidos, em função do grau de proximidade da fonte de apoio, dizem respeito aos dois primeiros círculos, de acordo com as instruções de preenchimento dadas ao sujeito respondente. *C1* e *C2* simbolizam, respectivamente, círculo 1 e 2.

<sup>8</sup> As fontes de apoio social indicadas pelo sujeito respondente foram agrupadas em quatro categorias relacionais: família nuclear (inclui as subcategorias companheiro/namorado, pais, irmãos e filhos), família alargada (representativa de avós, tios, primos, madrinha/padrinho, afilhados, etc.), amigos e outros (representativa de colegas de trabalho de várias hierarquias, professores, vizinhos, família afastada etc.). *FN*, *FA*, *A* e *O* simbolizam, respectivamente, família nuclear, família alargada, amigos e outros.



## 2. Estudos de precisão

A precisão (também designada de fiabilidade ou fidedignidade) informa sobre o grau de confiança ou de exactidão da informação obtida e pode ser analisada através da consistência interna da medida e da estabilidade temporal dos seus resultados (Almeida & Freire, 2003).

### 2.1. Consistência interna

Para determinar a consistência interna (ou seja, o grau de uniformidade ou de coerência entre as respostas dos sujeitos a cada um dos itens da escala) do *Convoy Model*, calculou-se o *alpha de Cronbach* total e para cada uma das duas subescalas (que correspondem aos 2 factores encontrados na análise factorial). Os valores deste coeficiente são indicados no quadro 4.

**Quadro 3. Consistência interna do *Convoy Model* e das suas subescalas**

	<i>Alpha de Cronbach</i>	Número de itens
Apoio instrumental	.837	4
Apoio emocional	.834	4
Total	.891	9

Os valores do coeficiente *alpha de Cronbach* obtidos são abonatórios de uma boa consistência interna e apontam para a uniformidade e coerência entre as respostas dos sujeitos a cada um dos itens, na medida em que os valores se situam acima de .80 (Kline, 2000) ou dentro do intervalo aconselhado por vários autores: .70 a .90 (Almeida & Freire, 2003; Streiner & Norman, 1995).

O coeficiente de bipartição (*split-half*) e o coeficiente de *Spearman-Brown* constituem outras medidas de consistência interna utilizadas neste estudo. Conforme se pode verificar no Quadro 4, o coeficiente de bipartição, através do qual os itens são divididos em duas subescalas que serão correlacionadas de forma a examinar se uma das metades dos itens da escala é tão consistente quanto a outra, e o coeficiente *Spearman-Brown*, indicador da consistência esperada da escala quando aplicada a outras amostras, apresentam igualmente valores elevados, de acordo com Cohen (1992), relativamente a cada uma das subescalas e à totalidade do instrumento.

**Quadro 4. Medidas da consistência interna do *Convoy Model* e das suas subescalas**

	<i>Alpha de Cronbach</i>	Coeficiente de bipartição ( <i>split-half</i> )	Coeficiente de <i>Spearman-Brown</i>
Apoio instrumental	.837	.701	.825
Apoio emocional	.834	.775	.873
Total	.891	.802	.891

Para se averiguar a contribuição particular de cada item para a consistência interna do *Convoy Model* e das subescalas a que pertencem, determinou-se os coeficientes *alpha de Cronbach* excluindo os itens, em relação à totalidade do instrumento e a cada um dos domínios ou factores, que foram comparados com o *alpha* global obtido. Por outro lado, o poder

discriminativo ou validade interna dos itens<sup>9</sup> (ou seja, grau em que cada item isoladamente é capaz de representar adequadamente o constructo que o instrumento pretende medir) foi avaliado através da análise dos coeficientes de correlação entre cada item e o total corrigido (excluindo o item), mais uma vez em relação à totalidade do instrumento e a cada um dos seus domínios. O poder discriminativo, assim como os coeficientes *alpha de Cronbach* excluindo os itens um a um, são indicados nos dois quadros seguintes.

Segundo os critérios apontados por alguns autores (Pasquali, 2003; Streiner & Norman, 1995), são “bons” itens aqueles que se correlacionam acima de .20 com o total corrigido ou, adoptando um critério mais exigente, acima de .30 (Kline, 2000). De acordo com Pasquali (2003), se os itens, quando retirados, fazem aumentar o *alpha* global, significa que não contribuem para a sua consistência interna do instrumento.

**Quadro 5. Correlações entre cada item e o total corrigido e coeficientes *alpha de Cronbach* excluindo o item, para a totalidade do *Convoy Model***

Itens	Correlação item-total corrigido	<i>alpha de Cronbach</i> excluindo o item
1	.608	.867
2	.586	.866
3	.669	.859
4	.634	.863
5	.600	.867
6	.747	.850
7	.649	.863
8	.618	.865
9	.659	.864

Atendendo aos critérios anteriormente mencionados, a análise do Quadro 5 permite concluir que todos os itens apresentam correlações elevadas com o total corrigido (acima do critério mais exigente, apresentado por Kline) e que os coeficientes *alpha de Cronbach* excluindo cada um destes itens não aumentam. Estes resultados evidenciam a validade interna dos itens, assim como a sua importância ou contribuição de cada um deles para a consistência interna do *Convoy Model*.

Relativamente a cada um dos domínios considerados individualmente, verifica-se no Quadro 6, da página seguinte, que:

- para o factor 1 (apoio instrumental), todos os itens que o compõem encontram-se correlacionados acima de .30 com o total corrigido, o que os torna itens com uma boa validade interna ou um bom poder discriminativo, e os coeficientes *alpha de Cronbach* excluindo cada um dos itens diminuem, ficando assim demonstrada a importância de cada um deles para a homogeneidade do domínio;
- para o factor 2 (apoio emocional), o item 8, embora se correlacione

<sup>9</sup> Diz respeito a um índice de precisão mais fidedigno, uma vez que a nota não é inflacionada. Este procedimento pretende evitar que o item contribua de forma espúria para a sua própria correlação com o total da escala (Almeida & Freire, 2003).

acima de .30 com o total corrigido, sendo por isso considerado um “bom” item segundo os critérios de Streiner e Norman (1995) e Pasquali (2003), faz aumentar ligeiramente o coeficiente *alpha de Cronbach* quando excluído, pelo que não contribui para a consistência interna deste domínio. Os restantes 3 itens satisfazem qualquer critério, uma vez que têm correlações elevadas (superiores a .30) com o total corrigido e fazem diminuir o coeficiente *alpha de Cronbach* quando excluídos.

**Quadro 6. Correlações entre cada item e o total corrigido e coeficientes *alpha de Cronbach* excluindo o item, para cada um dos domínios do *Convoy Model***

Domínios do <i>Convoy Model</i>	Itens	Correlação item-total corrigido	<i>alpha de Cronbach</i> excluindo o item
	4	.650	.798
Apoio instrumental	5	.649	.799
	6	.681	.787
	7	.689	.781
	1	.712	.772
Apoio emocional	2	.749	.738
	3	.685	.772
	8	.522	.838

## 2.2. Fiabilidade temporal

A estabilidade temporal de um instrumento é um indicador da sua consistência ou estabilidade ao longo do tempo, sendo uma outra forma de estimação da sua precisão (Almeida & Freire, 2003).

Neste caso, o coeficiente de fidedignidade obtém-se pela correlação entre as pontuações encontradas em cada uma das aplicações do instrumento, isto é, entre as pontuações obtidas no teste e as obtidas no reteste (Almeida & Freire, 2003; Pasquali, 2003).

De acordo com Pasquali (2003), quando o coeficiente de correlação teste-reteste representa o coeficiente de fidedignidade, este deve não só ser estatisticamente significativo ( $p < .05$ ), como também deve aproximar-se de 1 para se poder afirmar que o instrumento apresenta boa estabilidade temporal. Desta forma, coeficientes em torno de .90 ou superiores são normalmente os esperados para expressar a fidedignidade de um teste. Coeficientes em torno de .80 são habitualmente considerados razoáveis, enquanto que os coeficientes de precisão inferiores a .70 não são geralmente suficientes para demonstrar uma fidedignidade aceitável num instrumento (Pasquali, 2003). Kline (2000) determina como valor mínimo aceitável para o coeficiente de correlação teste-reteste .80.

Para se determinar a estabilidade temporal dos resultados do *Convoy Model* na população geral, utilizou-se uma subamostra constituída por 22 sujeitos aos quais foi administrado, um mês após a primeira aplicação, o mesmo instrumento.

A estabilidade temporal do instrumento em estudo foi examinada através do coeficiente de correlação de Pearson ( $r$ ) entre os resultados obtidos no teste e os obtidos no reteste, primeiro, para o número de *membros do comboio* (total e por círculo) e, segundo, para cada uma das suas

subescalas e para o índice de *satisfação global*, no geral e em função do grau de proximidade dos *membros do comboio* e da categoria relacional de pertença dos mesmos.

**Quadro 7. Estabilidade temporal do Convoy Model**

		Média			
		Teste	Reteste (n=22)	r	p
Nº de <i>membros do comboio</i> (total)		16.77	16.73	.719**	.002
Nº de <i>membros do comboio</i> (por círculo)	1º Círculo	5.00	4.36	.634**	.002
	2º Círculo	6.68	7.86	.430*	.046
	3º Círculo	5.05	4.50	.248	.266
Subescalas	AI (1º Círculo)	61.47	53.17	.704*	.016
	AE (1º Círculo)	82.05	69.32	.748**	.000
SG (1º Círculo)		21.10	17.73	.756**	.000
Subescalas	AI (2º Círculo)	28.93	47.33	.629*	.038
	AE (2º Círculo)	67.82	81.38	.635**	.002
SG (2º Círculo)		17.23	20.91	.743**	.000
Subescalas	AI (Família nuclear)	45.67	52.83	.622*	.041
	AE (Família nuclear)	62.36	65.50	.865**	.000
SG (Família nuclear)		16.23	16.73	.800**	.000
Subescalas	AI (Família alargada)	23.78	20.53	.788**	.001
	AE (Família alargada)	40.55	43.50	.832**	.000
SG (Família alargada)		11.14	11.27	.839**	.000
Subescalas	AI (Amigos)	11.60	16.00	.681*	.010
	AE (Amigos)	38.32	38.38	.808**	.000
SG (Amigos)		8.95	9.82	.819**	.000
Subescalas	AI (Outros)	3.45	.81	.963**	.000
	AE (Outros)	8.64	2.82	.344	.117
SG (Outros)		2.00	.59	.394	.069
Subescalas	AI (Total)	90.40	100.73	.706*	.023
	AE (Total)	149.86	153.05	.823**	.000
SG (Total)		38.32	38.64	.785**	.000

\* p<.05 \*\* p<.01

Da observação do Quadro 7, e de acordo com os critérios dos diversos autores, verifica-se que as correlações de Pearson entre os resultados obtidos no teste e no reteste são positivas (isto é, a intensidade dos fenómenos emparelhados varia no mesmo sentido) e estatisticamente significativas (p<.05), relativamente à avaliação do número de *membros do comboio* (excepto no número de membros do terceiro círculo), a cada uma das subescalas (excepto na subescala *apoio emocional*, quanto à categoria relacional de pertença *outros*) e ao índice de *satisfação global* (excepto no índice de *satisfação global*, quanto à categoria relacional de pertença *outros*). A maior parte dos coeficientes de correlação teste-reteste encontrados são satisfatórios (>.70), alguns correspondem ao critério mais exigente proposto por Kline (2000) e poucos são menos satisfatórios (mas estatisticamente significativos) ou fracos (<.30).

Desta forma, apenas não abonam a favor da estabilidade temporal dos resultados os coeficientes de correlação teste-reteste obtidos para a avaliação do número de *membros do comboio* do terceiro círculo e para a subescala *apoio emocional* e índice de *satisfação global*, quanto à categoria relacional de pertença *outros*.

No entanto, de um modo geral, atendendo aos coeficientes de fidedignidade de indicadores mais globais do *Convoy Model* (como a avaliação do número total de *membros do comboio* ou as subescalas e o índice de *satisfação global* para a totalidade do instrumento), parece existir uma boa estabilidade temporal dos resultados deste instrumento.

### 3. Estudos de validade

Verificada a consistência interna e a fiabilidade temporal do *Convoy Model*, procedeu-se ao estudo da validade do instrumento, uma vez que esta análise só ganha sentido e viabilidade quando os resultados relativos ao estudo da precisão são positivos.

No sentido tradicional, a validade de um instrumento descreve em que medida este mede o que é pretendido medir. Segundo alguns autores (Almeida & Freire, 2003), a validade de uma medida diz respeito à sua congruência, ao conhecimento que se tem daquilo que o teste está a medir.

#### 3.1. Validade de constructo

A validade de constructo procura avaliar em que medida os resultados do teste são indicativos dos constructos teóricos subjacentes, isto é das dimensões que o instrumento procura medir (Stevens, 1996). Esta validade nunca é provada, mas aceita em função dos testes que a suportam.

Para estabelecer esta validade, analisaram-se os coeficientes de correlação de Pearson entre os diferentes itens do instrumento em estudo, entre estes e as subescalas de pertença (apresentados e analisados a propósito do estudo da consistência interna) e entre os factores e índice de *satisfação global* do instrumento.

Redireccionando a atenção para os valores dos coeficientes de correlação entre cada item e o total corrigido, relativamente a cada um dos domínios ou factores da escala, expostos no Quadro 6, verificam-se correlações positivas e elevadas (>.50), indicadoras da relação sólida entre os itens e o constructo teórico em causa.

Do mesmo modo, os resultados apresentados na página seguinte (Quadro 9) apontam para a presença de um constructo teórico subjacente, uma vez que as correlações alcançadas entre os diferentes itens do *Convoy Model*, bem como entre os factores e índice de *satisfação global* do instrumento, pontuam acima de .20 e são positivas e estatisticamente significativas.

Quando analisadas as correlações mais fortes entre os diferentes itens do instrumento e as subescalas de pertença (Quadro 6), constata-se que os coeficientes de correlação mais elevados ocorrem entre o item 2 (“falar/desabafar com”) e o factor *apoio emocional* ( $r=.75$ ), o item 1 (“segurança percebida”) e o mesmo factor ( $r=.71$ ) e o item 7 (“ajuda financeira”) e o factor *apoio instrumental* ( $r=.69$ ).

**Quadro 9. Coeficientes de correlação entre os diferentes itens do Convoy Model e entre os factores e índice de satisfação global do instrumento.**

Itens	1	2	3	4	5	6	7	8	9	F1	F2
1	-										
2	.638**	-									
3	.565**	.733**	-								
4	.332**	.260**	.284**	-							
5	.312**	.274**	.444**	.541**	-						
6	.465**	.517**	.584**	.441*	.513**	-					
7	.347**	.276**	.348**	.558**	.588**	.503**	-				
8	.572**	.443**	.390**	.365**	.385**	.473**	.419**	-			
9	.710**	.595**	.535**	.394**	.306**	.563**	.391**	.659**	-		
										F1 (Apoio instrumental)	-
										F2 (Apoio emocional)	.687**
										Satisfação Global	.611**
											.952**

\*\* p<.01

Por outro lado, da observação das correlações mais elevadas de cada item com os restantes da escala (Quadro 9), percebe-se que os melhores coeficientes de correlação se encontram entre o item 2 e o 3 (“pedir conselhos”) ( $r=.73$ ), o item 1 e o 9 (“satisfação global com o apoio recebido”) ( $r=.71$ ), o item 8 (“companhia/estar com”) e o 9 ( $r=.66$ ) e o item 1 e o 2 ( $r=.64$ ).

Por último, a análise das correlações com maior intensidade de cada um dos três elementos estruturais do *Convoy Model* com os restantes (Quadro 9) mostra que a *satisfação global* se encontra preponderantemente ligada ao *apoio emocional* ( $r=.95$ ) e o *apoio instrumental* ao *apoio emocional* ( $r=.69$ ).

### 3.2. Validade concorrente

A validade concorrente refere-se à corroboração, por outros meios ou critérios, de que um instrumento está a medir aquilo que pretende medir. Apresenta-se como uma variante da validade de critério, sendo avaliada através do grau de associação que é possível obter entre os resultados no teste e a realização dos sujeitos em critérios externos, que supostamente estão associados ou dependentes da dimensão psicológica que esse teste avalia. Assim, fala-se de validade concorrente quando a aplicação do teste e a obtenção das notas relativas ao critério ocorrem simultaneamente no tempo (Almeida & Freire, 2003).

Na presente investigação, para analisar a validade concorrente do *Convoy Model (CM)* numa amostra da população geral utilizou-se como critério externo os resultados obtidos na Escala de Apoio Social (EAS), o qual foi administrado simultaneamente com o instrumento em estudo. Partindo do princípio que são instrumentos similares, isto é, instrumentos que avaliam o mesmo constructo teórico, espera-se encontrar correlações positivas, elevadas e significativas entre os dois instrumentos.

No quadro 10 apresentam-se os coeficientes de correlação de Pearson ( $r$ ) entre os resultados obtidos no *CM*, relativamente à dimensão total do

*comboio de redes sociais*, ao número de membros por nível de proximidade, às duas subescalas e ao índice de *satisfação global*, e os obtidos nas três dimensões e na nota global da EAS.

**Quadro 10. Coeficientes de correlação entre aspectos estruturais e funcionais avaliados pelo Convoy Model e as subescalas e a nota global da Escala de Apoio Social (n=119).**

Escala de Apoio Social	Convoy Model					Satisfação global	
	Aspectos estruturais		Aspectos funcionais				
	Nº total de membros do <i>comboio social</i>	Nº de membros por grau de proximidade		Apoio instrumental	Apoio emocional		
		C1	C2				
Apoio instrumental	.179*	.212*	.074	.170	.292**	.280**	
Apoio emocional	.150	.198*	.027	.319*	.182	.211*	
Apoio informativo	.224*	.205*	.180	.283*	.312**	.342**	
Nota global	.235**	.244**	.129	.310*	.337**	.358**	

\* p<.05 \*\* p<.01

Observando os resultados exibidos no quadro anterior, verifica-se que as correlações encontradas são todas positivas (alternando entre uma intensidade média e baixa), ainda que nem sempre estatisticamente significativas. Deste modo, à excepção dos coeficientes de correlação entre a subescala *apoio emocional* da EAS e a dimensão do *comboio de relações sociais*, entre as três dimensões e a nota global da EAS e a proporção de membros no 2º círculo do CM, entre as subescalas *apoio emocional* e as subescalas *apoio instrumental*, de ambos os instrumentos, todos os outros são estatisticamente significativos.

As correlações mais elevadas encontram-se entre a *satisfação global* do CM e a medida global de *apoio social* do EAS ( $r=.36$ ), a *satisfação global* do CM e o *apoio informativo* do EAS ( $r=.34$ ) e o *apoio emocional* do CM e a medida global de *apoio social* do EAS ( $r=.34$ ).

#### 4. Estudo dos factores sociodemográficos de variabilidade do apoio social

Averiguou-se a existência de diferenças significativas de género, idade<sup>10</sup>, estado civil e nível socio-económico (NSE) em algumas medidas estruturais (tamanho do *comboio* e proporção dos *membros do comboio* por nível de proximidade) e funcionais (apoio instrumental e emocional e índice de *satisfação global*) do apoio social. Quanto às medidas estruturais, as diferenças de género, idade, estado civil e nível socio-económico registadas não eram estatisticamente significativas. No que concerne às medidas

<sup>10</sup> Pestana e Gageiro (2003) defendem que a formação de classes pode ser útil quando se prevêem comportamentos homogéneos dentro de certos grupos. Para se efectuar o estudo da relação entre *apoio social* e a *idade* do sujeito respondente, transformou-se esta variável contínua em ordinal, uma vez que se procedeu ao agrupamento das idades em duas classes: (1) idade inferior ou igual a 40 anos e (2) idade superior a 40 anos.

funcionais, as análises efectuadas revelaram diferenças com significância estatística em todas as variáveis, excepto para o *estado civil*, pelo que se apresentarão apenas os resultados das outras três variáveis.

Relativamente ao *género*, o recurso ao teste *t de Student* para amostras independentes permitiu constatar que as diferenças são significativas em ambos os factores e no índice de *satisfação global*, apresentando o género feminino valores de *apoio social* mais elevados nos dois tipos de apoio e na *satisfação global* com o apoio recebido (Quadro 11).

**Quadro 11. Relação entre apoio social e género**

	Média	Desvio padrão	t	p
Apoio instrumental				
Masculino	54.72	26.69	-3.602	.001
Feminino	89.16	44.37		
Apoio emocional				
Masculino	120.58	40.84	-2.525	.013
Feminino	146.32	49.89		
Satisfação global				
Masculino	31.16	10.78	-2.130	.036
Feminino	36.58	12.23		

Perante o não cumprimento dos pressupostos de utilização do teste *t Student*, foram efectuados testes *U de Mann-Whitney* para indagar a existência de diferenças significativas, para os dois factores e índice de *satisfação global*, na variável *idade*, considerando as categorias *idade inferior ou igual a 40 anos* e *idade superior a 40 anos*. Os resultados mostraram diferenças significativas no factor *apoio instrumental* ( $U=161.000$ ,  $p=.001$ ), não se verificando o mesmo para o factor *apoio emocional* ( $U=634.500$ ,  $p=.074$ ) e para o índice de *satisfação global* ( $U=713.000$ ,  $p=.255$ ). A categoria *idade inferior ou igual a 40 anos* revelou sempre valores de *apoio social* mais elevados no factor *apoio instrumental* ( $Md=33.65$ ), no factor *apoio emocional* e no índice de *satisfação global* (ainda que estas últimas diferenças não fossem estatisticamente significativas), do que a categoria *idade superior a 40 anos* ( $Md=18.47$ , para o factor *apoio instrumental*).

Por fim, em relação à variável *nível socio-económico*, a utilização do teste de *Kruskal-Wallis* (equivalente não paramétrico da *One-Way Anova*, perante a violação dos pressupostos de utilização do teste *F* da *One-Way Anova*) possibilitou a comprovação da existência de diferenças estatisticamente significativas apenas no factor 1 *apoio instrumental* ( $\chi^2=11.450$ ,  $g.l.=3$ ,  $p=.010$ ). Para se localizarem as diferenças entre grupos utilizaram-se testes de comparações múltiplas, nomeadamente o teste *U de Mann-Whitney* múltiplos. Os resultados desta análise mostraram diferenças significativas entre os grupos *NSE elevado* ( $Md=5.29$ ) e *estudantes* ( $Md=12.18$ ;  $U=9.000$ ,  $p=.006$ ).



### 5. Dados descritivos do *Convoy Model*

Os quadros 12, 13 e 14 contêm alguns resultados de aspectos de estatística descritiva da escala, na sua aplicação à amostra da população geral utilizada neste estudo.

**Quadro 12. Dados descritivos do Convoy Model (I)**

	Média	DP	Mínimo	Máximo
<b>Nº de membros do comboio (total)</b>	13.87	8.09	2	43
<b>Nº de membros do comboio (por círculo)</b>				
1º Círculo	4.87	2.62	1	20
2º Círculo	5.08	3.75	0	17
3º Círculo	3.92	4.84	0	21
		Frequências absolutas	Frequências relativas (%)	
<b>Nº de membros do comboio segundo a categoria relacional de pertença (por círculo)</b>				
1º Círculo				
Companheiro	71			6.9
Pais	133			12.9
Irmãos	66			6.4
Filhos	49			4.7
Família alargada	106			10.2
Amigos	50			4.8
Outros	5			0.5
				(total = 46.4%)
2º Círculo				
Companheiro	3			0.3
Pais	23			2.2
Irmãos	40			3.9
Filhos	0			.0
Família alargada	174			16.8
Amigos	186			18.0
Outros	33			3.2
				(total = 44.3%)
3º Círculo				
Companheiro	0			.0
Pais	0			.0
Irmãos	0			.0
Filhos	0			.0
Família alargada	13			1.3
Amigos	38			3.7
Outros	45			4.3
				(total = 9.3%)

**Quadro 13. Dados descritivos do Convoy Model (II): Apoio social em função do grau de proximidade dos membros do comboio**

		Média	DP	Mínimo	Máximo
Subescalas	AI (1º Círculo)	51.86	28.42	5	131
	AE (1º Círculo)	80.46	40.99	18	232
SG (1º Círculo)		20.66	9.82	5	49
Subescalas	AI (2º Círculo)	25.77	25.94	0	118
	AE (2º Círculo)	58.04	39.46	0	159
SG (2º Círculo)		14.27	9.69	0	43
Subescalas	AI (total)	78.09	42.52	5	180
	AE (total)	138.50	48.60	24	236
SG (total)		34.93	12.02	9	60

**Quadro 14. Dados descritivos do Convoy Model (III): Apoio social em função da categoria relacional de pertença dos membros do comboio (por círculo e no total)**

		Média	DP	Mínimo	Máximo
1º Círculo					
	AI	41.41	19.42	0	77
Família nuclear	AE	55.29	23.23	0	115
	SG	14.27	5.98	0	30
	AI	5.89	14.50	0	70
Família alargada	AE	15.80	24.69	0	152
	SG	4.15	5.90	0	27
	AI	1.76	6.52	0	42
Amigos	AE	8.74	19.67	0	118
	SG	2.13	4.60	0	24
	AI	.16	1.07	0	10
Outros	AE	.63	3.05	0	18
	SG	.16	.79	0	5
	2º Círculo				
	AI	3.46	13.71	0	118
Família nuclear	AE	9.34	21.99	0	152
	SG	2.29	5.01	0	32
	AI	7.85	14.37	0	65
Família alargada	AE	19.42	24.52	0	96
	SG	4.88	6.43	0	34
	AI	6.73	12.86	0	52
Amigos	AE	25.09	30.97	0	132
	SG	6.07	7.51	0	35
	AI	1.03	4.52	0	38
Outros	AE	4.19	10.51	0	54
	SG	1.03	2.51	0	12
	Total				
	AI	46.91	23.17	0	146
Família nuclear	AE	64.64	26.94	0	192
	SG	16.57	6.64	0	42
	AI	16.50	21.49	0	93
Família alargada	AE	35.23	31.55	0	152
	SG	9.03	7.94	0	37
	AI	9.02	15.82	0	61
Amigos	AE	33.82	35.95	0	142
	SG	8.15	8.63	0	35
	AI	1.22	5.46	0	48
Outros	AE	4.81	11.52	0	69
	SG	1.19	2.77	0	16

## V - Discussão

Na realização do estudo do desempenho psicométrico da versão adaptada do *Convoy Model* na população geral houve uma preocupação de ordem metodológica que importa mencionar, antes de se proceder à discussão dos resultados apresentados no capítulo anterior. Esta preocupação prendeu-se com o tamanho da amostra que seria adequado para se efectuarem as análises psicométricas.

Perante a ausência de estudos conhecidos de validação do *Convoy Model* na população geral e em grupos específicos, analisou-se o tamanho das amostras utilizadas em pesquisas de validação de outros instrumentos de avaliação do *apoio social*, nomeadamente nos trabalhos de Moreira, Andrez, Moleiro, Silva, Aguiar e Bernardes (s.d., estudo 1; n=231) e de Matos e Ferreira (2000; n=214), e constatou-se que a amostra utilizada nesta investigação era constituída por um número de indivíduos adequado (n=119), ainda que relativamente inferior. Para este facto contribuíram três factores: o número elevado de protocolos excluídos da amostra inicial (n=33), a complexidade da codificação das respostas dos sujeitos<sup>11</sup> (incompatível com limitações de tempo) e a utilização de uma base de dados com n=1053 (obtida a partir dos 119 sujeitos respondentes) no estudo de algumas características psicométricas do *Convoy Model*.

Feitas as apreciações anteriores, segue-se a reflexão sobre os resultados obtidos relativamente às qualidades psicométricas (fidelidade e validade) da versão do *Convoy Model*, adaptada por Gameiro, Moura-Ramos e Canavarro (2006), e ao estudo da variabilidade do apoio social em função de algumas variáveis sociodemográficas consideradas no presente estudo.

A análise factorial exploratória que deu início ao estudo do desempenho psicométrico deste instrumento revelou a existência de uma estrutura multidimensional subjacente aos 8 itens<sup>12</sup> do *Convoy Model*, composta por 2 dimensões ou factores que explicam aproximadamente 68% da variância.

Atendendo ao peso de cada item relativamente ao factor em que saturou, fazem parte dos factores 1 e 2, respectivamente, os itens que avaliam, por um lado, a ajuda percebida pelo sujeito respondente ao nível das tarefas domésticas, da prestação de cuidados aos filhos, dos problemas do quotidiano e financeiro e, por outro, a segurança percebida, o desejo de companhia, a provisão de conselhos e de oportunidade para desabafar.

De acordo com a distribuição anterior e com as funções do apoio social frequentemente mencionadas na literatura (p.e., Barrera, 2000; Cutrona & Russell, 1990; Kahn & Antonucci, 1980; Uchino, 2004), o factor 1 representa a função instrumental do apoio social, enquanto que o factor 2 traduz a função emocional do apoio social.

Segundo os critérios de Cohen (1992), os valores correlacionais de

---

<sup>11</sup> Recorde-se, a este propósito, a necessidade de construir duas bases de dados com unidades de análise diferentes, mencionadas no início do capítulo IV.

<sup>12</sup> Recorde-se que o item 9 foi excluído da análise por motivos já apresentados.

todos os itens são elevados ( $\geq .50$ ), sendo importante realçar que o valor mais baixo se regista entre o item “Companhia/estar com” e o factor apoio instrumental. Tal facto pode provavelmente estar relacionado com o carácter mais complexo e abrangente deste item, uma vez que a presença de uma pessoa, percebida como fonte de apoio, pode promover simultaneamente apoio instrumental, emocional, informativo, entre outros tipos de apoio, através da mesma acção (Uchino, 2004).

Assim, verifica-se que a segunda parte do instrumento em estudo, responsável pela avaliação das características funcionais do *comboio de relações sociais*, é constituída por duas subescalas (*apoio instrumental* e *apoio emocional*) e um índice de *satisfação global* com o apoio social medido pelas primeiras.

Relativamente à consistência interna desta versão do *Convoy Model*, os valores dos coeficientes *alpha de Cronbach*, *split-half* e *Spearman-Brown* encontrados para cada uma das subescalas e para a totalidade do instrumento são abonatórios de boa consistência interna. Os três índices deste indicador de precisão apontam para a uniformidade e coerência entre as respostas dos sujeitos a cada um dos itens, uma vez que os seus valores se situam dentro do intervalo [0.70;0.90], aconselhado por autores como Almeida e Freire (2003) ou Streiner e Norman (1995), e, no caso dos coeficientes *alpha de Cronbach* calculados, acima do critério mais exigente (.80), proposto por Kline (2000).

Por outro lado, os resultados da análise da validade interna ou do poder discriminativo dos itens, bem como da contribuição particular de cada item para a consistência interna do *Convoy Model* e das subescalas a que pertencem, são igualmente satisfatórios. Todos os itens da escala são “bons” itens, ou seja, representam adequadamente o constructo que o instrumento e as suas subescalas pretendem medir, uma vez apresentam correlações elevadas (acima do critério mais exigente: .30; Kline, 2000) com o total corrigido, em relação à totalidade do instrumento e a cada um dos seus domínios. À excepção do item 8 (“Companhia/estar com”), todos os outros contribuem para a consistência interna do *Convoy Model* e das suas subescalas, na medida em que os coeficientes *alpha de Cronbach*, para a totalidade da escala e para cada uma das subescalas, não aumentam quando o item é excluído. O item 8, apesar de ter um bom poder discriminativo e de contribuir para a homogeneidade do instrumento, faz aumentar ligeiramente o coeficiente *alpha de Cronbach* da subescala *apoio emocional* quando excluído, pelo que não contribui para a consistência interna deste domínio, provavelmente pelos motivos apresentados a propósito da análise factorial.

Quanto à estabilidade temporal do *Convoy Model* nesta amostra da população portuguesa, os coeficientes de correlação teste-reteste encontrados são, de uma forma geral, abonatórios da boa estabilidade temporal das pontuações obtidas na avaliação de aspectos estruturais (como o número de *membros do comboio*, total e por grau de proximidade) e funcionais (como o apoio instrumental e emocional recebidos e a satisfação com esse apoio, no geral e em função do grau de proximidade dos *membros do comboio* e da

categoria relacional de pertença dos mesmos) do apoio social. Com efeito, as correlações de Pearson entre os resultados obtidos no teste e os obtidos no reteste (n=22) mostraram-se positivas e estatisticamente significativas ( $p < .05$  e  $p < .01$ ), variando entre .43 ( $p < .05$ ), para o número de membros do comboio no segundo círculo, e .96 ( $p < .01$ ), para a subescala *apoio instrumental* da categoria relacional *outros*, sendo que a maioria dos coeficientes de correlação teste-reteste encontrados são satisfatórios ( $> .70$ ) ou correspondem ao critério mais exigente ( $> .80$ ) proposto por Kline (2000). Entre as exceções à situação anterior encontram-se os coeficientes de fidedignidade obtidos para a avaliação do número de *membros do comboio* do terceiro círculo e para a subescala *apoio emocional* e índice de *satisfação global*, quanto à categoria relacional de pertença *outros*, na medida em que não são estatisticamente significativos e, conseqüentemente, não abonam a favor da estabilidade temporal dos resultados.

Estes resultados podem ser explicados a partir de três situações plausíveis.

Em primeiro lugar, a subamostra utilizada para o estudo da fiabilidade temporal do *Convoy Model* numa amostra da população portuguesa era constituída por um número reduzido de sujeitos (n=22), explicando em parte o facto de as correlações teste-reteste apuradas não serem mais elevadas. De acordo com Canavarro (1999), quanto maior o número de indivíduos que compõem uma amostra, mais inflacionada tendem a ser as correlações encontradas nessa mesma amostra, pelo que, a utilização de uma subamostra maior neste estudo, provavelmente resultaria em coeficientes de correlação de Pearson teste-reteste mais elevados.

Por outro lado, as correlações teste-reteste mais fracas e sem significância estatística encontradas neste estudo podem ser melhor explicadas por uma mudança no constructo *apoio social* e não tanto por uma fraca precisão do instrumento. Tal como foi proposto por vários investigadores, (Antonucci e col., 2004; Kahn & Antonucci, 1980; Levitt, 1991; Levitt & Silver, 1999), as relações do primeiro círculo são mais estáveis ao longo do tempo, ocorrendo a maioria das alterações nos círculos periféricos do instrumento, por motivos pessoais (p.e., mudanças no estado de saúde) e situacionais (p.e., modificações no papel desempenhado pelo *membro do comboio*, mudanças de trabalho ou residência, acontecimentos de vida não normativos) (Antonucci, 1985; Levitt, 2005). Desta forma, e tendo em conta que os coeficientes de fidedignidade insatisfatórios dizem respeito ao número de *membros do comboio* do terceiro círculo, ao *apoio emocional* recebido de *outros* e à *satisfação global* com o apoio disponibilizado por esta categoria relacional, que está associada a um grau de proximidade mais baixo, é possível que, no espaço de tempo de um mês (tempo que decorre entre a primeira e a segunda aplicação do instrumento), se tenham verificado mudanças, mesmo que ligeiras, ao nível do apoio social dos sujeitos da subamostra.

Por fim, e tal como referem Almeida e Freire (2003) e Pasquali (2003), um dos problemas que se coloca na utilização deste método prende-se com as dificuldades manter equivalentes a situação de *testing* e as características inerentes ao sujeito respondente (p.e., tempo disponível para

responder ao protocolo de avaliação, estado de humor) no teste e no reteste. Na medida em que este estudo não está alheio a estas dificuldades, as correlações teste-reteste insatisfatórias poderão ter aqui uma outra justificação.

No que diz respeito à validade de constructo desta versão do *Convoy Model*, o seu estudo passou pela análise dos coeficientes de correlação de Pearson entre os diferentes itens do instrumento em estudo, entre estes e as subescalas de pertença e entre os factores e índice de *satisfação global* do instrumento. Os resultados desta análise apontam para a presença de um constructo teórico subjacente, logo para uma boa validade de constructo, uma vez que as correlações alcançadas são positivas e estatisticamente significativas ( $p < .01$ ), variando o seu coeficiente entre .26, para os itens 2 (“falar/desabafar com”) e 4 (“ajudar nas tarefas domésticas”), e .95, para o índice de *satisfação global* e a subescala *apoio emocional*. A este propósito, é curioso notar que a satisfação com o apoio disponibilizado por determinado *membro do comboio* está preponderantemente ligada ao apoio emocional que o sujeito percebe receber desse membro.

Em relação à validade concorrente do instrumento em estudo, utilizou-se como critério externo os resultados obtidos na Escala de Apoio Social (EAS), instrumento este que possui boas qualidades psicométricas (Matos & Ferreira, 2000) e foi administrado simultaneamente com o *Convoy Model* (CM).

Ao contrário do que se esperava encontrar entre as medidas de instrumentos similares (correlações positivas, elevadas e significativas), os resultados deste estudo expressaram correlações positivas, de intensidade fraca a moderada e nem sempre com significância estatística. Os valores dos coeficientes estatisticamente significativos ( $p < .05$  e  $p < .01$ ) variam entre .18, para a subescala *apoio instrumental* da EAS e dimensão do *comboio de redes sociais* do CM, e .36, para a nota global da EAS e o índice de satisfação global com o apoio disponível do CM. Os coeficientes de correlação entre a subescala *apoio emocional* da EAS e a dimensão do *comboio de relações sociais*, entre as três dimensões e a nota global da EAS e a proporção de membros no 2º círculo do CM, entre cada uma das subescalas *apoio emocional* e entre cada uma das subescalas *apoio instrumental* mostraram-se fracas e não estatisticamente significativas.

De uma forma geral, estes resultados não suportam consistentemente a validade concorrente do *Convoy Model* numa amostra da população geral. No entanto, é possível apresentar alguns factores inerentes às características dos instrumentos utilizados, que explicam parcialmente a presença de correlações fracas e não significativas.

Assim, em primeiro lugar, é necessário lembrar que o constructo *apoio social* não é unitário (Laireiter e Baumann, 1992; Vaux, 1988) e que a EAS e o CM medem aspectos distintos do mesmo constructo: o primeiro instrumento mede apenas aspectos funcionais do apoio social (a quantidade de apoio social, no geral e em função de três dimensões: instrumental, emocional e informativa), enquanto que o segundo avalia simultaneamente

características estruturais (dimensão da rede social, proporção de membros por nível de proximidade, etc.) e funcionais (quantidade e tipo de apoio recebido e satisfação global com esse apoio) do apoio social. Por esta razão, as correlações entre as medidas funcionais dos dois instrumentos são, na sua maioria, mais fortes (ainda que inferiores a .50) e estatisticamente significativas, quando comparadas com as correlações entre as medidas funcionais da EAS e as estruturais do CM.

Em segundo lugar, e após uma análise comparativa entre os itens que compõem cada uma das três subescalas da EAS e os que integram as duas dimensões do CM, constatou-se que itens equivalentes (p.e., percepção de segurança) pertenciam a factores diferentes nos dois instrumentos (p.e., a percepção de segurança pertence ao apoio informativo, na EAS, e ao apoio emocional, no CM). Esta constatação permite perceber a existência de coeficientes de correlação de intensidade moderada ou fraca (em alguns casos não significativa) entre as medidas funcionais de ambos os instrumentos e o facto de as dimensões *apoio instrumental* e *apoio emocional* do CM estarem mais associadas às subescalas da EAS *apoio emocional* e *apoio instrumental*, respectivamente, do que com a sua subescala equivalente. A este propósito, Uchino (2004) alertou para o facto de aspectos funcionais da rede estarem de tal forma relacionados entre si, que se torna difícil para o sujeito respondente diferenciar o que no dia-a-dia não tem distinção. Como exemplificou Cobb (1976), um conselho (apoio informativo) pode conter uma mensagem emocional (apoio emocional).

Por último, as correlações fracas encontradas entre os dois instrumentos podem ainda ser compreendidas a partir do número relativamente reduzido de itens que constituem as dimensões da EAS (5 a 6 itens por subescala) e do CM (4 itens por factor).

Adicionalmente, analisou-se a associação entre as variáveis sociodemográficas e as características estruturais e funcionais do apoio social da amostra da população geral, avaliadas pela versão do *Convoy Model* em estudo.

Os resultados deste estudo adicional revelaram a existência de diferenças não significativas de género, idade, estado civil e nível socio-económico (NSE) em características estruturais, como o tamanho do *comboio* e a proporção dos *membros do comboio* por nível de proximidade, e de diferenças com significância estatística de género, idade, estado NSE em algumas características funcionais.

Os resultados obtidos para as características estruturais do apoio social estão parcialmente de acordo com investigações anteriores. À semelhança dos resultados encontrados por alguns investigadores (p.e., Antonucci, 1985; Antonucci & Akiyama, 1987a; Kahn & Antonucci, 1980; Levitt, Weber, & Guacci, 1993), o tamanho do *comboio social* e a proporção dos *membros do comboio* por nível de proximidade não difere significativamente de geração para geração. Da mesma forma, e tal como sugeriu Antonucci e colaboradores (2004), apesar da experiência qualitativa das relações poder ser diferente, não existem diferenças claras no número de relações sociais próximas entre géneros.

Relativamente aos resultados alcançados para as características funcionais do apoio social, quando analisada a variável *género*, as mulheres parecem perceber mais apoio emocional e instrumental da sua rede social e estar mais satisfeitas com esse apoio do que os homens, tal como sugerem algumas investigações de Antonucci (1985, 1990). Para a variável idade, os sujeitos respondentes mais novos (pertencentes à categoria *idade inferior ou igual a 40 anos*) parecem perceber mais apoio instrumental que os mais velhos, ainda que as diferenças de percepção de apoio emocional e de satisfação com esse apoio não sejam estatisticamente significativamente entre as duas classes de sujeitos. No que diz respeito à variável NSE, apenas os grupos *NSE elevado* e *estudantes* apresentaram diferenças significativas ao nível do apoio instrumental recebido, tendo o segundo grupo atingido valores mais elevados neste factor. O facto de a maioria dos estudantes universitários utilizados nesta amostra se encontrar a estudar longe de casa e depender financeiramente dos seus familiares próximos pode constituir uma explicação plausível para as diferenças encontradas ao nível do apoio instrumental recebido, quando comparados com pessoas pertencentes a um NSE elevado e, como tal, financeiramente independentes.

Por último, os dados descritivos obtidos neste estudo vão ao encontro de resultados de outras investigações (cf. Antonucci & Akiyama, 1987a; Kahn, 1978, cit. por Kahn & Antonucci, 1980; Kahn & Antonucci, 1980; Levitt e col., 1993).

Os sujeitos respondentes apontaram uma média de 13.9 (DP=8) membros no seu *comboio social* (um valor próximo do alcançado por Levitt e colaboradores, no seu estudo de 1993 [M=14.9] e mais elevado que o encontrado por Antonucci e Akiyama, no estudo de 1987 [M=8.9]).

O círculo interior tem em média 4.9 (DP=2.6) fontes de apoio, podendo, em alguns casos, ter apenas um indivíduo; os elementos aí colocados desempenham na maioria das vezes o papel de pais, companheiros, irmãos, filhos e família alargada (cf. Quadro 12); e o apoio social (instrumental e, particularmente, emocional) deriva sobretudo deste círculo (cf. Quadro 13) e da família nuclear (cf. Quadro 14), sendo a satisfação com este apoio elevada. Todos estes dados vão ao encontro de resultados obtidos anteriormente (Antonucci, 1994; Levitt, 1991; Levitt e col., 1993; Levitt e col., 1994).

O número médio de pessoas indicadas para o segundo e terceiro círculos é, respectivamente, de 5.1 (DP=3.8) e 3.9 (DP=4.8) pessoas; os indivíduos que os constituem, e de acordo com Levitt e colaboradores (1993), representam habitualmente papéis ligados à família alargada, amigos e colegas de trabalho, superiores, vizinhos e conhecidos (cf. Quadro 12); e são percebidos como fontes importantes de, pelo menos, apoio emocional (cf. Quadros 13 e 14).

## VI - Conclusões

A adaptação e validação de instrumentos de avaliação psicológica é



uma actividade indispensável e uma exigência ética e deontológica (Simões, 2002). Segundo o autor citado, esta actividade torna-se tanto mais importante quando, quer na clínica quer na investigação, se exige que apenas se recorra a instrumentos de avaliação relativamente aos quais existem estudos que documentem as suas qualidades psicométricas positivas de fiabilidade e validade e que disponham de normas actualizadas e representativas. O projecto de adaptação e validação de um instrumento torna-se sobretudo necessário quando esse instrumento é utilizado junto de uma nova população ou grupo específico, de um outro país ou de uma língua e cultura distintas daquelas em que foi originalmente desenvolvido e aplicado (Simões, 2002), de modo a garantir que a nova versão seja equivalente ao instrumento original.

No domínio específico do *apoio social*, o desenvolvimento de instrumentos de avaliação deste constructo foi raramente seguido de rigor psicométrico. Em Portugal, só há relativamente pouco tempo surgiram instrumentos de avaliação do apoio social devidamente validados na população alvo em que vão ser aplicados, como a Escala de Apoio Social (Matos & Ferreira, 1999), a Escala de Provisões Sociais (Cutrona & Russel, 1987; versão portuguesa: Pinheiro & Ferreira, 2001) ou o Questionário de Apoio Social (I. G. Sarason, Levine, Basham, & Sarason, 1983; versão portuguesa: Moreira, Andrez, Moleiro, Silva, Aguiar, & Bernardes, 2002).

Foi neste sentido que se procurou, com este trabalho, documentar as propriedades psicométricas de uma versão adaptada de um instrumento, que tem sido amplamente utilizado na investigação do *apoio social* e se assume versátil e, também por isso, complexo: o *Convoy Model*.

De uma forma geral, é possível afirmar que os estudos psicométricos realizados para o *Convoy Model* (Kahn & Antonucci, 1980; versão adaptada: Gameiro, Moura-Ramos & Canavarro, 2006) numa amostra da população geral portuguesa evidenciaram as suas boas qualidades psicométricas de precisão e validade neste grupo específico. Contudo, importa salientar que a validade concorrente desta versão não se revelou tão consistente nesta amostra, quanto se esperava encontrar, por razões inerentes às características do instrumento utilizado como critério externo – a Escala de Apoio Social. Deste modo, o presente trabalho viabiliza a utilização deste instrumento, quer na prática clínica quer na investigação, para compreender um pouco melhor aquele que é considerado “um intrincado *puzzle*” (Knipscheer & Antonucci, 1990, p.170): o apoio social.

Finalmente, o estudo adicional relativo à associação entre variáveis sociodemográficas e o apoio social da população geral mostrou que o género, a idade e o nível socio-económico parecem ser factores de variabilidade de características funcionais do apoio social. Com efeito, este estudo demonstrou que, quando se pretende conhecer e compreender o impacto de outras variáveis no apoio social ou quando se elaboram estratégias de intervenção com vista à promoção da saúde e bem-estar da pessoa, a partir do apoio social que percepçiona, é necessário ter em consideração as características sociodemográficas dessas pessoas.

Importa, por fim, ressaltar algumas limitações inerentes a este trabalho de investigação. Nomeadamente, o tamanho relativamente reduzido da amostra da população e eventuais problemas relativos à sua representatividade podem comprometer os resultados encontrados, particularmente para o estudo dos factores de variabilidade do apoio social, e a generalização dos mesmos para uma população geral mais ampla. Neste sentido, seria importante desenvolver pesquisas posteriores que, utilizando amostras maiores e mais representativas da população geral portuguesa, permitam replicar os resultados aqui encontrados e possibilitem a generalização dos mesmos.

### Bibliografia

- Acitelli, L. K., & Antonucci, T. C. (1994). Gender differences in the link between marital support and satisfaction in older couples. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 688-689.
- Ajrouch, K. J., Bladon, A. Y., & Antonucci, T. C. (2005). Social networks among men and women: The affects of age and socioeconomic status. *The Journals of Gerontology: Series B Psychological Sciences and Social Sciences*, 60B (6), 311-317.
- Akiyama, H., Antonucci, T., Takahashi, K. & Langfahl, E. S. (2003). Negative interactions in close relationships across the life span. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 58B 2, 70-79.
- Akiyama, H., Elliot, K., & Antonucci, T. C. (1996). Same-sex and cross-sex relationships. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 51B, 374-382.
- Almeida, L. S., & Freire, T. (2003). *Metodologia da investigação em psicologia e educação* (3ª ed. revista e ampliada). Braga: Psiquilibrios.
- Antonucci, T. C. (1976). Attachment: A life span concept. *Human Development*, 19, 135-142.
- Antonucci, T. C. (1985). Personal characteristics, social support, and social behavior. In R. H. Binstock & E. Shanas (Eds.), *Handbook of aging and the social sciences* (pp. 94-128). New York: Van Nostrand Reinhold.
- Antonucci, T. C. (1986). Social support networks: Hierarchical mapping technique. *Generations*, 10 (4), 10-12.
- Antonucci, T. C. (1990). Social supports and social relationships. In R. H. Binstock & L. K. George (Eds.), *Handbook of aging and the social sciences* (pp. 205-226). San Diego, California: Academic Press.
- Antonucci, T. C. (1994). Attachment in adulthood and aging. In M. B. Sperling & W. H. Berman (Eds.), *Attachment in adults: Clinical and developmental perspectives* (pp. 256-272). New York: Guilford Press.
- Antonucci, T. C. (2001). Social relations: An examination of social networks, social support, and sense of control. In J. E. Birren & K. W. Schale (Eds.), *Handbook of the psychology of aging* (5<sup>th</sup> ed., pp.427-453). San Diego, California: Academic Press.
- Antonucci, T. C., & Akiyama, H. (1987a). Social networks in adult life and a preliminary examination of the convoy model. *Journal of Gerontology*, 42, 519-527.

- Antonucci, T. C., & Akiyama, H. (1987b). An examination of sex differences in social support among older men and women. *Sex Roles, 11/12*, 737-749.
- Antonucci, T. C., & Akiyama, H. (1991). Convoy of social support: generational issues. *Marriage and Family Review, 16*, 103-112.
- Antonucci, T. C., & Akiyama, H. (1994). Convoys of attachment and social relations in children, adolescents, and adults. In F. Nestmann & K. Hurrelmann (Eds.), *Social networks and social support in childhood and adolescence* (pp. 37-52). Berlin, Germany: Walter De Gruyter.
- Antonucci, T. C., Akiyama, H., & Lansford, J. E. (1998). Negative effects of close social relations. *Journal of Applied Family Studies, 47*, 379-384.
- Antonucci, T. C., Akiyama, H., & Takahashi, K. (2004). Attachment and close relationships across the life span. *Attachment & Human Development, 6* (4), 353-370.
- Antonucci, T. C., Fuhrer, R., & Jackson, J. S. (1990). Social support and reciprocity: A cross-national perspective. *Journal of Social and Personal Relationships, 7*, 519-530.
- Antonucci, T. C., & Israel, B. A. (1986). Veridicality of social support: A comparison of principal and network members' responses. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 54*, 432-437.
- Barrera, M. (1980). A method for the assessment of social support networks in community survey research. *Connections, 3*, 8-13.
- Barrera, M. (2000). Social support research in community psychology. In J. Rappaport and E. Seidman (Eds.), *Handbook of community psychology* (pp.215-245). New York: Kluwer Academic/Plenum.
- Barrón, A. (1996). *Apoyo social: aspectos teóricos y aplicaciones*. Madrid: Siglo Veintiuno.
- Berkman, L. F., & Glass, T. (2000). Social integration, social networks, social support, and health. In L. Berkman and I. Kawachi (Eds.),
- Bosse, R., Aldwin, C. M., Levenson, M., Workman-Daniels, K., & Ekerdt, D. J. (1990). Differences in social support among retirees and workers: Findings from the Normative Aging Study. *Psychology and Aging, 5*, 41-47.
- Bowling, A. (1997). *Measuring health*. Buckingham: Open University Press.
- Canary, D. J., Cupach, W.R., & Messman, S. J. (1995). *Relationship conflict*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Canavarro, M. C. (1999). *Relações afetivas e saúde mental: Uma abordagem ao longo do ciclo de vida* (pp. 30-110). Dissertação de doutoramento. Coimbra: Quarteto Editora.
- Cassel, J. (1976). The contribution of the social environment to host resistance. *American Journal of Epidemiology, 104*, 107-123.
- Cobb, S. (1976). Social support as a moderator of life stress. *Psychosomatic Medicine, 38*, 300-314.
- Cohen, J. (1992). A power primer. *Psychological Bulletin, 112*, 155-159.
- Cohen, S., & Syme, S. L. (Eds.). (1985). *Social support and health*. New York: Springer.
- Cohen, S., Underwood, L. G., & Gottlieb, B. H. (2000). *Social support measurement and intervention: A guide for health and social scientists*. New York: Oxford University Press.
- Cohen, S., & Wills, T. A. (1985). Stress, social support, and the buffering

- hypothesis. *Psychological Bulletin*, 98, 310-357.
- Colarossi, L. G., & Eccles, J. S. (2003). Differential effects of support providers on adolescents' mental health. *Social Work Research*, 27 (1), 19-31.
- Cutrona, C. E., & Russel, D. W. (1990). Type of social support and specific stress: Toward a theory of optimal matching. In B. R. Sarason, I. G. Sarason, & G. R. Pierce (Eds.), *Social support: An interactional view* (pp. 319-366). New York: Wiley.
- Depner, C., & Ingersoll, B. (1983). *Conjugal social support: Patterns in later life*. (Unpublished).
- Dunkel-Schetter, C., & Bennett, T. L. (1990). Differentiating the cognitive and behavioral aspects of social support. In B. R. Sarason, I. G. Sarason, & G. R. Pierce (Eds.), *Social support: An interactional view* (pp. 267-296). New York: Wiley.
- Durkheim, E. (1951). *Suicide: A study in sociology*. London: Free Press.
- Engel, G. L. (1977). The need for a new medical model: A challenge for biomedicine. *Science*, 196, 129-136.
- Fiori, K. L., Antonucci, T. C., & Cortina, K. S. (2006). Social network typologies and mental health among older adults. *Journal of Gerontology: Psychological Sciences*, 61B (1), 25-32.
- Goldsmith, D. J. (2004). *Communicating social support*. United Kingdom: Cambridge University Press.
- Harker, L., & Keltner, D. (2001). Expressions of positive emotions in women's college yearbook pictures and their relationship to personality and life outcomes across adulthood. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80, 112-124.
- Hobfoll, S. E. (1990). Introduction: The importance of predicting, activating and facilitating social support. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 435-436.
- Kahn, R. L., & Antonucci, T. C. (1980). Convoys over the life course: attachment roles and social support. In P. B. Baltes & O. G. Brim (Eds.), *Life span development and behavior* (Vol. 3, pp. 253-286). New York: Academic Press.
- Kahn, R. L., & Antonucci, T. C. (1983). Social supports of the elderly: Family/friends/professionals. Final report to the National Institute on Aging.
- Kessler, R. (1992). Perceived support and adjustment to stress: Methodological considerations. In H. O. F. Veiel & U. Baumann (Eds.), *The meaning and measurement of social support* (pp. 259-271). Washington, DC: Hemisphere.
- Kessler, R. C., McLeod, J. D., & Wethington, E. (1995). The costs of caring: A perspective on the relationship between sex and psychological distress. In I. G. Sarason & B. R. Sarason (Eds.), *Social support: Theory research and applications* (pp. 49-55). The Hague, The Netherlands: Nijhoff.
- Kline, P. (2000). *The handbook of psychological testing* (2<sup>nd</sup> ed.). London and New York: Routledge.
- Knipscheer, K. C. P. M., & Antonucci, T. C. (1990). Maturing of the social network research in the Netherlands. In K. C. P. M. Knipscheer, & T. C. Antonucci (Eds.) *Social network research: substantive issues and methodological* (pp. 1-16). Amsterdam: Swets & Zeitlinger.
- Laireiter, A., & Baumann, U. (1992). Network structures and support functions:

- Theoretical and empirical analyses. In H. O. F. Veiel, & U. Baumann (Eds.), *The meaning and measurement of social support* (pp. 35-56). New York: Hemisphere Publishing Corporation.
- Levitt, M. J. (1991). Attachment and close relationships: a life-span perspective. In J. L. Gewirtz & W. M. Kurtines (Eds.), *Intersections with attachment* (pp. 183-206). Hillsdale, NJ: Lawrence Earlbaum Associates.
- Levitt, M. J. (2005). Social relations in childhood and adolescence: The convoy model perspective. *Human Development*, 48, 28-47.
- Levitt, M. J., Bustos, G. L., Crooks, N. A., Levitt, J. L., Santos, J. D., & Telan, P. (2000). *Personal and situational predictors of social support across the transition to adolescence*. Presented at the meeting of the American Psychological Association, Chicago.
- Levitt, M. J., Coffman, S., Guacci-Franco, N., & Loveless, S. (1994). Attachment relationships and life transitions: An expectancy model. In M. B. Sperling & W. H. Berman (Eds.), *Attachment in adults: Clinical and developmental perspectives* (pp. 232-255). New York: Guilford Press.
- Levitt, M. J., Crooks, N. A., Bustos, G. L., Levitt, J. L., Telan, P., Santos, J., Franco, N., Hodgetts, J., Milevsky, A., & Oliva, M. (2001). *Ecological risk, social support, and well-being in the transition to adolescence*. Presented at the meeting of the Society for Research in Child Development, Minneapolis.
- Levitt, M. J., & Silver, M. E. (1999). *Late adolescents in transition: Temperament, stress, and social support*. Final report to the National Science Foundation.
- Levitt, M. J., Silver, M. E., & Franco, N. (1996). Troublesome relationships: A part of the human experience. *Journal of Social and Personal Relationships*, 13, 523-536.
- Levitt, M. J., Weber, R. A., & Guacci, N. (1993). Convoys of social support: An intergenerational analysis. *Psychology and Aging*, 8, 323-326.
- Lewis, M. (1988). Social development in infancy and early childhood. In J. D. Osofsky (Ed.), *Handbook of infant development* (pp. 419-493). New York: John Wiley and Sons.
- Longino, C. F. Jr., & Lipman, A. (1981). Married and spouseless men and women in planned retirement communities: Support network differentials. *Journal of Marriage and the Family*, 43, 169-177.
- Martire, L. M., Schulz, R., Mittelmark, M. B., & Newsom, J. T. (1999). Stability and change in older adults' social contact and social support: The cardiovascular health study. *The Journals of Gerontology*, 54B (5), 302-312.
- Matos, A. P., & Ferreira, A. (2000). Desenvolvimento de uma escala de apoio social: alguns dados sobre a sua fiabilidade. *Psiquiatria Clínica*, 21 (3), 243-253.
- McPherson, M., Smith-Lovin, L., & Cook, J. M. (2001). Birds of a feather: Homophily in social networks. *Annual Review of Sociology*, 27, 415-444.
- Milgram, S. (1965). The liberating effects of group pressure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 1, 127-134.
- Moreira, J. M. (2002). *Altera pars auditor: The dual influence of the quality of relationships upon positive and negative aspects of coping with stress*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia, especialização em Psicologia Geral, apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, não publicada.

- Moreira, J. M., Andrez, M., Moleiro, C., Silva, M. F. Aguiar, P., & Bernardes, S. (2002). Questionário de Apoio Social (versão portuguesa do “Social Support Questionnaire”): tradução e estudos de validade. *Revista Ibero-Americana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 13,55-70.
- Pasquali, L. (2003). *Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Pereira, A. I. L. F. (2001). *Contextos relacionais de vulnerabilidade e protecção para a gravidez na adolescência*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, especialização em Psicologia Clínica Cognitivo-Comportamental e Sistémica, apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, não publicada.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS*. (3ª ed. revista e ampliada). Lisboa: Edições Sílabo.
- Pierce, R. S., Frone, M. R., Russel, M., & Cooper, M. L. (1996). Financial stress, social support, and alcohol involvement: A longitudinal test of the buffering hypothesis in a general population survey. *Health Psychology*, 15, 38-47.
- Pinheiro, M. R., & Ferreira, J. A. (2001). Avaliação do suporte social em contexto de ensino superior. Actas do V Seminário de Investigação e Intervenção Psicológica no Ensino Superior. Viana do Castelo: Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Rook, K. S. (1992). Detrimental aspects of social relationships: Taking stock of an emerging literature. In H. O. F. Veiel & U. Baumann (Eds.), *The meaning and measurement of social support* (pp. 157-169). New York: Hemisphere.
- Russell, D. W., Booth, B., Reed, D., & Laughlin, P. R. (1997). Personality, social networks, and perceived social support among alcoholics: A structural equation analysis. *Journal of Personality*, 65, 649-692.
- Sarason, B. R., Pierce, G. R., & Sarason, I. G. (1990). Social support: The sense of acceptance and the role of relationships. In B. R. Sarason, I. G. Sarason, & G. R. Pierce (Eds.), *Social support: An interactional view* (pp. 97-128). New York: Wiley.
- Sarason, B. R., Shearin, E. N., Pierce, G. R., & Sarason, I. G. (1987). Interrelations of social support measures: Theoretical and practical implications. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52, 813-832.
- Sarason, I. G., Levine, H. M., Basham, R. B., & Sarason, B. R. (1983). Assessing social support: The social support questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44, 127-139.
- Schachter, S. (1959). *The psychology of affiliation: Experimental studies of the sources of gregariousness*. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Schuster, T. L., Kessler, R. C., & Aseltine, R. H., Jr. (1990). Supportive interactions, negative interactions, and depressed moods. *American Journal of Community Psychology*, 18, 423-438.
- Shumaker, S. A., & Brownell, A. (1984). Toward a theory of social support: Closing conceptual gaps. *Journal of Social Issues*, 40, 11-36.
- Simões, M. R. (1994). *Investigações no âmbito da aferição nacional do teste das Matrizes Progressivas Coloridas de Raven (M.P.C.R.)*. Dissertação de Doutoramento em Psicologia, especialização em Avaliação Psicológica, apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da

- Universidade de Coimbra, não publicada.
- Simões, M. R. (2002). Implicações éticas e deontológicas subjacentes ao trabalho de adaptação e aferição de instrumentos de avaliação psicológica: O caso da versão portuguesa da WISC-III. *Psychologica*, 30, 387-406.
- Stevens, J. (1996). *Applied multivariate statistics for the social sciences*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates.
- Streiner, D. L., & Norman, G. (1995). *Health measurement scales: A practical guide to their development and use* (2<sup>nd</sup> ed.). Oxford: University Press.
- Thoits, P. A. (1995). Stress, coping, and social support processes: Where are we? What next? *Journal of Health and Social Behavior, Extra issue*, 53-79.
- Uchino, B. N., (2004). *Social support and physical health: Understanding the health consequences of relationships*. Yale: University Press.
- Uchino, B. N. (2006). Social support and health: A review of psychological processes potentially underlying links to disease outcomes. *Journal of Behavioral Medicine*, 29 (4), 377-389.
- Uchino, B. N., Holt-Lunstad, J., Uno, D., & Flinders, J. B. (2001). Heterogeneity in the social networks of young and older adults: Prediction of mental health and cardiovascular reactivity during acute stress. *Journal of Behavioral Medicine*, 24, 361-382.
- Umberson, D. (1987). Family status and health behaviors: Social control as a dimension of social integration. *Journal of Health and Social Behavior*, 28, 306-319.
- Vaux, A. (1988). *Social support: Theory, research and intervention*. New York: Praeger.
- Vaux, A. (1990). An ecological approach to understanding and facilitating social support. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7, 507-518.
- Vaux, A., & Harrison, D. (1985). Support network characteristics associated with support satisfaction and perceived support. *American Journal of Community Psychology*, 13, 245-268.
- Veiel, H. O. F., & Baumann, U. (1992). The many meanings of social support. In H. O. F. Veiel & U. Baumann (Eds.), *The meaning and measurement of social support* (pp. 1-9). New York: Hemisphere.
- Winnubst, J. A. M., Buunk, B. P., & Marcellissen, F. H. G. (1988). Social support and stress: perspectives and processes. In S. Ficher & J. Reason (Eds.), *Handbook of life stress, cognition and health* (pp. 511-525). New York: John Wiley & Sons Ltd.